

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
UNESP
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

MARIA JULIA DE SOUZA CAMARGO

FASCISMO E BOLSONARISMO:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA DE MASSAS

MARÍLIA-SP
2024

MARIA JULIA DE SOUZA CAMARGO

**FASCISMO E BOLSONARISMO:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA DE MASSAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Campus de Marília, para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Oliveira Galastri

MARÍLIA

2024

C172f	Camargo, Maria Julia de Souza Fascismo e Bolsonarismo : uma análise comparativa sob a ótica da psicologia de massas / Maria Julia de Souza Camargo. -- Marília, 2024 56 p. : fotos Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientador: Leandro de Oliveira Galastri 1. Bolsonarismo. 2. Fascismo. 3. Psicologia de Massas. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Maria Julia de Souza Camargo

FASCISMO E BOLSONARISMO

Uma análise comparativa sob a ótica da psicologia de massas

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais (CCRI), da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de Concentração: Ciência Política

Banca Examinadora

Prof. Dr. Leandro de Oliveira Galastri
UNESP - Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Dr. Jair Pinheiro
UNESP – Câmpus Marília

Prof. Dr. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos
UNESP – Câmpus de Marília

Marília, 17 de Outubro de 2023

Dedico este trabalho à minha mãe, que mesmo longe fisicamente, sempre esteve presente em todo o processo de minha graduação, me dando suporte e apoio para a escrita e finalização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Vanessa Cristina de Souza, uma mulher forte e de muita resiliência, por todo o apoio emocional, psicológico e financeiro para me manter em Marília. A participação de minha mãe nessa graduação foi essencial e sem ela jamais teria sido possível concluí-la, obrigada por todo sacrifício e esforço que dedicou a mim e aos meus estudos, por isso é a primeira pessoa a ser mencionada nestes agradecimentos, sem você nada disso seria possível.

Em segundo lugar, agradeço ao meu pai, Leandro Ribeiro Camargo, por todo suporte durante os meus quatro anos de graduação, sem este auxílio, não poderia sequer ter saído de Avaré para iniciar o curso em Marília, todo seu apoio minha vida acadêmica foi essencial para que eu chegasse até aqui. Ambos me deram a oportunidade que nunca receberam e por isso, serei eternamente grata. Este trabalho é a demonstração de todo meu empenho e dedicação, além do reconhecimento de todo o esforço de meus pais em me manter e me assegurar o direito à educação.

Em terceiro lugar, agradeço ao meu namorado, Otávio Brasileiro Pires de Camargo, por me auxiliar emocionalmente e psicologicamente durante a escrita deste trabalho e ao longo dos meus anos finais de graduação, conturbados pela pandemia. Pelo amor e paciência que tem dedicado a mim, fazendo com que esses anos tenham sido menos angustiantes, eu serei eternamente grata.

Agradeço também aos meus professores da Universidade Estadual Paulista, que ampliaram minha visão de mundo, transformando-me como pessoa e profissional, em especial ao meu orientador Leandro de Oliveira Galastri, quem me auxiliou no desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao meu irmão, João Arthur de Souza Garbin, que com sua ainda breve existência, tornou-se uma maior motivação para a conclusão desta graduação e deste trabalho, com o objetivo de futuramente transferir o conhecimento adquirido ao longo de minha formação a ele. Não pretendo mudar o mundo, mas mudando a realidade das pessoas à minha volta já me sentirei satisfeita.

Agradeço também ao meu padrasto, Artur Melo Garbin, por toda dedicação e auxílio com nossa família, sua presença e esforços foram essenciais para que eu pudesse continuar em Marília e me dedicar aos estudos, pois tive a segurança de que nossa família sempre estaria segura com você nos momentos em que eu não pudesse estar presente.

Por último, agradeço imensamente à Universidade Estadual Paulista como um todo, pelo acesso à educação gratuita e de qualidade, fornecida a milhares de pessoas como eu, que sem tal auxílio jamais poderiam ter se graduado, é com muito orgulho que relato os meus anos de graduação e minha formação na UNESP.

“A burguesia não forjou somente as armas que lhe darão morte; produziu também os homens que manejarão essas armas – os operários modernos, os proletários” (Marx, 2010, p. 219).

RESUMO

Este estudo objetivou analisar comparativamente o movimento bolsonarista no Brasil e suas similaridades com o fascismo alemão, através da ótica da psicologia de massas de Freud. O Objetivo principal da pesquisa foi caracterizar o bolsonarismo como um movimento similar ao fascismo, perante as diretrizes da psicologia de massas. Para tal, a metodologia aplicada foi a revisão bibliográfica, tendo como fonte principal da pesquisa o artigo escrito por Theodor W. Adorno: “A psicanálise de adesão ao fascismo”, que aplica a teoria Freudiana de psicanálise ao movimento fascista. Com isso, o resultado obtido através dessa pesquisa foi que o bolsonarismo possui similaridades com o fascismo alemão, dentro dos aspectos analisados por Adorno na psicologia de massas do fascismo.

Palavras-chave: fascismo; bolsonarismo; psicologia de massas.

ABSTRACT

This study aimed to comparatively analyse the 'Bolsonarista' movement in Brazil and its similarity to the German fascism through the lens of Freud's mass psychology. The main objective of the research was to characterize 'bolsonarismo' as a fascist similar movement, according to the guidelines of mass psychology. For this, the applied methodology was the bibliographic review, having as the main source of the research Theodor W. Adorno's article: 'The psychoanalysis of adherence to fascism', which applies Freud's psychoanalysis to the fascist movement. Therefore, the result obtained through this research was that 'bolsonarismo' has similarities with German fascism, within the aspects analyzed by Adorno in his article.

Key-words: fascism; bolsonarismo; mass psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01 — Jair Bolsonaro (esquerda) e seu filho Carlos (direita) tomando café da manhã, imagem que auxilia na construção do mito da humildade do ex-presidente e de seus familiares 46
- Figura 02 — Comentário de seguidor na rede social estadunidense *Twitter* que ilustra a inversão de ideias políticas 46
- Figura 03 — Outro comentário, ressaltando o ponto de vista de que o ex-presidente é uma pessoa humilde 47

LISTA DE ABREVIATURAS

EUA — Estados Unidos da América

OMS — Organização Mundial da Saúde

PSDB — Partido da Social Democracia Brasileira

PT — Partido dos Trabalhadores

STF — Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO 01 - O MOVIMENTO FASCISTA E A PSICOLOGIA DE MASSAS	15
2.1 QUEM SÃO OS FASCISTAS?	20
3 CAPÍTULO 02 - O BOLSONARISMO	27
3.1 PRINCIPAIS ASPECTOS DA REVOLUÇÃO DIGITAL.....	27
3.2 A ASCENSÃO DO BOLSONARISMO	29
3.3 A VITÓRIA DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL ATRAVÉS DE JAIR BOLSONARO.....	30
3.4 AS CARACTERÍSTICAS DO BOLSONARISMO	31
3.4.1 A psicologia de massas de Freud	32
3.5 RELAÇÕES DA PROPAGANDA PLUBLICITÁRIA COM O INCOSCIENTE	33
3.5.1 As fake News	33
3.6 O BOLSONARISMO E A PSICOLOGIA DE MASSAS	34
4 CAPÍTULO 03 - O CASO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O FASCISMO NA ALEMANHA E O BOLSONARISMO NO BRASIL – MÉTODOS E DISCURSOS EM ADORNO	37
4.1 PROPAGANDA E DESINFORMAÇÃO: MECANISMOS DE MANIPULAÇÃO	38
4.2 O NEGACIONISMO COMO FERRAMENTA POLÍTICO DE BOLSONARO	41
4.3 A ALIANÇA DO FASCISMO COM O NACIONALISMO.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

1 INTRODUÇÃO

Após quatro anos de um governo conturbado envolto em retóricas e práticas hediondas, o governo de Jair Messias Bolsonaro chega ao fim. Todavia, sua marca na história não pode e nem deverá passar despercebida pela história do Brasil e do mundo, vide os avanços da extrema-direita ao redor do globo. A ascensão e governança de Bolsonaro merecem destaque na história, devido às suas particularidades e também similaridades com regimes autoritários de extrema direita, como é o exemplo do fascismo.

Dessa forma, a fim de analisar a proximidade do discurso e das práticas do Bolsonarismo com a ideologia fascista, evidencia-se a teoria Freudiana da Psicologia de Massas¹, a qual discute o comportamento das massas que se unem em prol de uma crença comum, fazendo com que o indivíduo abra mão de sua própria individualidade com o intuito de encaixar-se na massa psicológica. Assim, o presente trabalho trata sobre o governo Bolsonaro, em suas principais características ao longo de seus quatro anos, em comparação ao fascismo alemão, analisando-os através da Psicologia de Massas por Theodor W. Adorno, o qual foi responsável por aplicar a teoria geral de Freud aos comportamentos dos líderes fascistas e seus seguidores.²

Posto isso, este trabalho buscará ao longo de seus capítulos, estabelecer a similaridade entre o fascismo e o bolsonarismo, com o fim de demonstrar que o fascismo não é um regime preso à história do entreguerras, mas que se trata de um movimento vivo e disposto a ser incorporado à realidade atual, mesmo em tempos de paz.

A fim de atingir o objetivo de apresentar o Bolsonarismo como uma ideologia fascista, este trabalho consistirá em três capítulos, divididos da seguinte maneira: 1. O primeiro capítulo busca compreender o fascismo, em seu contexto social e histórico, bem como suas características de massa, através de Theodor W. Adorno; 2. O segundo capítulo discute acerca do Bolsonarismo como um movimento de massas, apontando suas principais características vistas através de sua inserção internacional e posterior avanço nacional, a fim de proporcionar uma análise geral do Bolsonarismo em que este não seja limitado apenas ao Brasil, tal como o fascismo não deverá ser limitado apenas à Itália; 3. No terceiro e último capítulo, após a contextualização de ambos os movimentos, utilizaremos de uma análise comparativa entre os movimentos por meio da psicologia de massas, a fim de visualizar sua proximidade de acordo

¹ Freud trata sobre a temática da psicologia das massas em seu livro “Psicologia das Massas e Análise do eu”, publicado pela primeira vez em 1921.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. L&PM Pocket, 2013.

² Apesar de também ser importante referência na temática da psicologia de massas do fascismo, a argumentação de Wilhelm Reich não será utilizada neste trabalho, visto que o desenvolvimento de sua pesquisa é inteiramente voltado ao âmbito sexual da adesão ao fascismo, fator este que não perpassa pelo objetivo deste trabalho.

com as características psicológicas discutidas pela teoria freudiana e posteriormente aplicada ao fascismo por Adorno.

Para tal, empregamos a metodologia de revisão bibliográfica e análise comparativa, no qual busca-se, através da leitura de textos direcionados à temática do Fascismo e Psicologia de Massas, comparar os dois movimentos com a intenção de apontar suas similaridades e reconhecer o Bolsonarismo dentro da retórica e das práticas fascistas.

Dito isto, a hipótese trabalhada ao longo deste estudo é analisar os mecanismos do fascismo através da psicologia de massas e compará-los ao movimento bolsonarista no Brasil e suas características. Com isso, é importante destacar que o objetivo deste trabalho não é explicar todos os mecanismos do fascismo e bolsonarismo em sua totalidade, pois para tal faria-se necessária uma compreensão interdisciplinar e não apenas limitada à visão da psicologia de massas, o que neste momento não é o propósito do presente trabalho.

2 CAPÍTULO 01 - O MOVIMENTO FASCISTA E A PSICOLOGIA DE MASSAS

A origem da palavra “fascismo” vem de *fascio* italiano, um feixe ou maço. De acordo com Paxton³ (2007, p. 14): “a palavra remetia ao fasces latino, um machado cercado por um feixe de varas que era levado diante dos magistrados, nas procissões públicas romanas, para significar a autoridade e a unidade do Estado”.

Ao fim do século XIX, de acordo com o autor, os revolucionários italianos utilizavam-se do termo *fascio* a fim de evocar a solidariedade e o compromisso entre os militantes. No final de 1914, um grupo de nacionalistas de esquerda, com a participação de Benito Mussolini, tentou fazer com que a Itália lutasse a Primeira Guerra Mundial ao lado dos Aliados. O Grupo se automeou como “*O Fascio Rivoluzionario d’Azione Interventista*” (A Liga Revolucionária de Ação Intervencionista).

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, Mussolini, figura importante na ala revolucionária do Partido Socialista Italiano, principal editor do jornal *Avanti* e posteriormente expulso do partido por defender a entrada da Itália na Guerra, definiu o termo “fascismo” para descrever o pequeno grupo formado por ex-soldados e revolucionários sindicalistas favoráveis à guerra.

Oficialmente, o fascismo nasceu em Milão, em um domingo, 23 de março de 1919. Naquela manhã, pouco mais de cem pessoas, entre elas veteranos de guerra, sindicalistas que haviam apoiado a guerra e intelectuais futuristas, encontraram-se na sala de reuniões da Aliança Industrial e Comercial de Milão para declarar guerra ao socialismo em razão de este ter-se oposto ao nacionalismo. Nessa ocasião, Mussolini chamou seu movimento de *Fasci di Combattimento*, o que significa, aproximadamente, “fraternidades de combate” (Paxton, 2007, p. 16).

O Programa fascista de Mussolini e seus seguidores tratava-se de uma mistura entre o nacionalismo dos veteranos de guerra e um experimento social do radicalismo, a qual Paxton nomeia “uma espécie de nacional-socialismo” (p. 16). A intenção do pequeno grupo fascista, através da ideia nacionalista, era a expansão do território italiano para área dos Bálcãs e ao redor do Mediterrâneo. Enquanto que, sua idealização radical tinha como objetivo:

(...) O sufrágio feminino e o voto aos dezoito anos de idade, a abolição da câmara alta, a convocação de uma assembleia constituinte para redigir a proposta de uma nova constituição para a Itália, a jornada de trabalho de oito horas, a participação dos trabalhadores na administração técnica de fábricas, e a expropriação parcial de todos os tipos de riqueza por meio de uma tributação pesada e progressiva do capital, o confisco de certos bens da Igreja e de 85% dos lucros de guerra (Ibidem, p. 16).

³ Robert Paxton é cientista político e historiador estadunidense, especializado na temática fascista, em seu livro “*The Anatomy of Fascism*” buscou encontrar uma definição precisa para o fenômeno, ao defender que o fascismo não deve se resumir apenas ao cenário entreguerras, mas que se trata de um movimento internacional e passível de ocorrência em situações de paz.

Entretanto, apesar das características e em pôr, em tese, propor a luta pelos interesses dos trabalhadores, o movimento fascista promovia também o antiintelectualismo, a rejeição e desprezo pela sociedade de maneira geral, sendo essas as principais características comuns entre os membros da massa que compunham o grupo de seguidores fascistas. Além disso, os sindicalistas pró-guerra, que compunham o grupo nacionalista eram os principais inimigos da classe trabalhadora no período anterior à guerra, visto que os trabalhadores organizados no parlamento visavam mudanças graduais enquanto que os sindicalistas acreditavam na derrota do capitalismo por meio de um só golpe, sendo assim, numa perspectiva radical de transição do poder. Por essa ideia, os sindicalistas acreditavam que a entrada da Itália na guerra traria a revolução social almejada, segundo Paxton (2007, p.18) “eles haviam-se tornado os sindicalistas nacionais”.

Em 05 de abril de 1919, o grupo fascista liderado por Mussolini, invadiu o escritório do jornal *Avanti*, destruindo todo o equipamento, deixando quatro pessoas mortas e trinta e nove feridas. A partir deste momento, o autor (Ibidem, p. 19) estabelece que o fascismo irrompeu na história através de seus atos violentos contra o socialismo e a própria legalidade burguesa, em busca do que o autor chama de “bem nacional maior”.

Todavia, o movimento não se restringiu apenas ao território italiano e à figura de Mussolini, de acordo com Paxton, no período pós-guerra, movimentos similares vinham surgindo por todo o continente europeu, apresentando as mesmas características de nacionalismo, anticapitalismo e ações violentas contra seus inimigos, sejam eles burgueses ou socialistas.

Pouco mais de três anos após a reunião da Piazza San Sepolcro, o Partido Fascista de Mussolini ocupava o poder na Itália. Onze anos mais tarde, um outro partido fascista tomou o poder na Alemanha. Não demorou muito para que a Europa, e até mesmo outras regiões do mundo, fervilhassem com aspirantes a ditador e marchas de esquadrões que acreditavam estar trilhando o mesmo caminho para o poder que Mussolini e Hitler (Ibidem, p. 20).

Posto isso, o autor observa que a ascensão do movimento fascista não se trata apenas da tomada do poder por um grupo de meliantes, mesmo antes da consolidação do poder de Mussolini na Itália, os marxistas já haviam definido o fascismo como: “um instrumento utilizado pela grande burguesia em sua luta contra o proletariado, sempre que os meios legais do Estado se mostram insuficientes para contê-lo” (Resolução da Internacional Comunista, 1924, p. 152-3 apud Paxton, 2007, p.22).

Apesar de o discurso fascista ser voltado para um desejo anticapitalista de revolução social, ao chegarem ao poder, segundo afirma o autor ao tratar das “imagens do fascismo” (p. 23-45), nada fizeram para cumprir suas promessas à classe trabalhadora. Para além disso,

Paxton ainda afirma que a crítica do fascismo não era voltada para a exploração do trabalhador, mas sim para seu materialismo, os fascistas rejeitam a ideia de que a economia é o motor básico da história. Para os fascistas, as mazelas do capitalismo entreguerras poderiam ser facilmente curadas pela simples vontade política de acabar com as crises de desemprego e produtividade.

Nesse sentido, o autor alerta para a importância de analisarmos a fundo as imagens “comuns” do fascismo, como, por exemplo, o enfoque dado nos momentos mais drásticos de sua história, omitindo os acontecimentos cotidianos e, conseqüentemente, a participação das pessoas comuns na ascensão do regime. O autor afirma que, para compreendermos plenamente o funcionamento do fascismo, deve-se examinar de perto as pessoas comuns e suas escolhas cotidianas.

Fazer essas escolhas significava aceitar o que parecia ser um mal menor, ou desviar o olhar de alguns excessos que, a curto prazo, não pareciam ser tão nocivos, e que, isoladamente, podiam ser vistos até mesmo como aceitáveis, mas que, cumulativamente, acabaram por se somar em monstruosos resultados finais (Paxton, op. cit., p. 34-35).

Com o fim de focalizar a análise nas pessoas comuns para responder à questão do que seria o fascismo, Paxton propõe que devemos examinar as doutrinas e propagandas dos movimentos fascistas. O fascismo, ao contrário de movimentos como: conservadorismo, liberalismo e socialismo, criados a partir de um conceito filosófico coerente e formulados através do trabalho de pensadores, facilitando a compreensão destes apenas por meio da análise da filosofia que os embasava, era uma invenção recente, voltada para a política de massas. De acordo com o autor, o fascismo tentava, através da utilização de propagandas e uma retórica repetitiva e intensa, apelar para o emocional das massas: “o fascismo não se baseia de forma explícita num sistema filosófico complexo, e sim no sentimento popular sobre as raças superiores, a injustiça de suas condições atuais e seu direito a predominar sobre os povos inferiores” (Ibidem, p. 38).

A partir da visão de uma falta de doutrina no fascismo, que embasasse o movimento e o definisse a partir de uma característica geral, a definição do termo “fascismo” torna-se dificultosa ao levar em consideração as particularidades nacionais de cada movimento. Todavia, Paxton esclarece que, alguns acadêmicos chegaram a propor que o termo fosse limitado apenas ao regime de Mussolini, o que para ele resultaria em tratar o fascismo alemão como um fenômeno a parte: “Se seguíssemos seu conselho, chamamos o regime de Hitler de nazismo, o de Mussolini de fascismo, e cada um dos demais movimentos assemelhados por seu próprio nome. Trataríamos cada um deles como um fenômeno separado.” (Ibidem, p. 45)

Na visão do autor, essa tentativa de não tornar o termo “fascismo” como genérico, nada mais é do que um nominalismo, o termo deve ser utilizado para o que ele chama de um fenômeno novo na política do século XX: “um movimento popular contra a esquerda e contra o individualismo liberal.” (Ibidem, p.46). O fato de ser um movimento internacional e multifacetado, não é razão para que abandonemos o termo e que os fenômenos sejam isolados em cada país.

Para tal, Paxton aponta que um ponto de partida ao analisar o fascismo é examinar as leituras dos primeiros fascistas. O autor afirma que Mussolini era um leitor sério, apesar de participar do movimento socialista na época, não era um leitor assíduo de Marx, mas sim de Friedrich Nietzsche, a qual Paxton destaca devido à importância do escritor para o ideário fascista. Durante sua vida adulta, Nietzsche investiu todo seu trabalho e ira no ataque à pequena burguesia, “Em um mundo onde Deus estava morto, o Cristianismo era fraco, e a Ciência, falsa, apenas um ‘super-homem’ espiritualmente livre seria capaz de desembaraçar-se das convenções para lutar e viver segundo seus próprios e autênticos valores”. (Ibidem, p. 64).

De acordo com o autor, Nietzsche escrevia uma boa quantidade de ideias que serviriam para indivíduos tendenciosamente inclinados a se indignarem com a decadência da sociedade moderna e ao mesmo tempo que tivessem o desejo de se tornar o herói que reverteria tal decadência. Apesar de Nietzsche nutrir enorme desprezo pelo patriotismo e antissemitismo, seu discurso poderia ser interpretado através de infinitas possibilidades, como o foi pelos líderes fascistas.

Em complemento à visão de Paxton acerca de Nietzsche, é importante salientarmos que, Adorno também debate acerca da ideia do líder fascista como o super-homem de Nietzsche. Para Adorno, assim como Paxton, o super-homem é um mecanismo psicológico para a adesão das massas ao fascismo, segundo afirma, ao mesmo tempo em que o líder deve propiciar uma identificação para com seus seguidores, também deve mostrar-se como um solucionador de toda a decadência moral da sociedade⁴.

⁴ Freud destaca que o líder da massa possui as características de um pai da horda primitiva, ao mesmo tempo em que exercia a função de um pai, com a intenção de amar a todos os filhos, o líder também era livre, forte e independente.

“Os indivíduos da massa eram tão ligados como hoje, mas o pai da horda primeva era livre. Seus atos intelectuais eram fortes e independentes mesmo no isolamento, sua vontade não carecia do reforço dos demais. Supomos, conseqüentemente que seu Eu tinha poucos laços libidinais, ele não amava ninguém exceto a si mesmo, ou amava outros apenas enquanto satisfaziam as necessidades dele. Seu Eu não dava nenhuma sobra para os objetos. No princípio da história humana ele era o super-homem que Nietzsche aguardava apenas para o futuro. Ainda hoje os indivíduos da massa carecem da ilusão de serem amados igualmente e justamente pelo

Ainda de acordo com Paxton, Hitler sabia como cativar a massa, ao passo que “jogava habilmente com os ressentimentos e os medos dos alemães comuns” (2007, p. 117) e enquanto os demais partidos se restringiam a um único interesse e classe específica, os fascistas conseguiram prometer algo a todos. “Eles foram o primeiro partido alemão a se dirigir a diferentes categorias profissionais com discursos talhados sob medida para cada uma delas, não se importando se esses discursos fossem contraditórios entre si.” (Ibidem, p. 117).

Assim, o autor enfatiza que os movimentos fascistas não necessariamente precisam seguir a fórmula de Mussolini e Hitler para a tomada do poder, o que basta a esses movimentos é “a polarização, impasse, a mobilização das massas contra inimigos internos e externos e a cumplicidade por parte das elites existentes” (Ibidem, p.193), para o autor, a ascensão de um fascista ao poder também pode ser feita através de eleições livres, entretanto, a melhor forma para a ascensão de poder fascista são as alianças e as escolhas feitas pela elite política: “Na Itália, o exército não se oporia ao fascismo porque seus comandantes temiam ainda mais a esquerda” (Ibidem, p. 195).

Paxton também destaca que a legitimidade dos líderes fascistas ultrapassava os limites democráticos, com sua “supremacia” sendo construída através de outros elementos, como o carisma do líder. Não somente de alianças e ocupação de espaços políticos se faz clara a ascensão do fascismo, sua construção perpassa pela movimentação das massas em prol deste movimento. Assim, Paxton dita que

Esse carisma é semelhante ao estrelato das celebridades da era da mídia, elevado a uma potência mais alta por sua capacidade de ditar guerra e morte. Baseava-se na reivindicação de um status único e místico, colocando o líder como a encarnação do povo e o portador do destino desse povo (Ibidem, p. 209).

Entretanto, somente o carisma de seu líder não seria suficiente para mantê-los no poder, os líderes fascistas também tinham a missão de fornecer uma ideia de salvação à massa: “(...) da contaminação por culturas e povos estrangeiros; evitar a ameaça da revolução da propriedade com uma revolução de valores; resgatar a comunidade da decadência e do declínio.” (Ibidem, p.245). Para tais problemas, os líderes ofereciam soluções drásticas e ao mesmo tempo simplistas: “violência contra os inimigos, tanto internos quanto externos; a total imersão do indivíduo na comunidade; a purificação do sangue e da cultura” (Ibidem, p.245).

Após toda a descrição das características do fascismo a fim de chegar em uma definição precisa e que não tratasse do fascismo como um fenômeno isolado para cada país, Paxton estabelece:

líder, mas este não precisa amar ninguém mais, é-lhe facultado ser de natureza senhorial, absolutamente narcisista, mas seguro de si e independente” (Freud, 2013, p. 67).

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (Ibidem, p.358).

Além de tal definição, Paxton considera de suma importância compreendermos as ideias fascistas a partir de suas ações, a qual nomeia de “paixões mobilizadoras” (2007, p. 360) devido ao fato de pertencerem ao domínio emocional mais do que à racionalidade, abaixo listo algumas das características apontadas pelo autor ao definir as paixões fascistas:

- um senso de crise catastrófica, além do alcance das soluções tradicionais;
- a crença de que o próprio grupo é vítima, sentimento esse que justifica qualquer ação, sem limites jurídicos ou morais, contra seus inimigos, tanto internos quanto externos;
- a necessidade de autoridade de chefes naturais (sempre de sexo masculino), culminando num comandante nacional, o único capaz de encarnar o destino histórico do grupo;
- a superioridade dos instintos do líder sobre a razão abstrata e universal;
- o direito do povo eleito de dominar os demais, sem restrições provenientes de qualquer tipo de lei humana ou divina, o direito sendo decidido por meio do critério único das proezas do grupo no interior de uma luta darwiniana.

Segundo a definição de Paxton e a caracterização das paixões que regem o movimento, o fascismo não ficou isolado a um movimento italiano que desapareceu com o fim da Segunda Guerra Mundial. Ainda nos dias de hoje, o fascismo é visível, bem como os comportamentos individuais de tendência fascista. Para o autor, em qualquer democracia existe uma vontade dos grupos dominantes de intervir nas liberdades dos grupos minoritários e impopulares. Para Paxton, o fascismo não precisa de “uma marcha de dimensões espetaculares sobre alguma capital” (2007, p. 361), somente a tolerância aos tratamentos injustos para com os inimigos nacionais já é o suficiente, entretanto, para além disso ele destaca que nem mesmo os momentos de crise profunda desencadeiem, necessariamente, uma movimentação fascista. “O avanço em direção ao poder depende, em parte, da severidade da crise, mas também, em grande medida, de decisões humanas, especialmente as decisões que partem dos detentores do poder econômico, social e político” (Ibidem, p. 361).

2.1 QUEM SÃO OS FASCISTAS?

Após definirmos o fascismo através da ótica de Robert Paxton, é importante também caracterizarmos quem são os indivíduos a quem o fascismo se direciona e por que esses indivíduos são inclinados a posições violentas. Ao pensarmos na discussão do fascismo nos dias de hoje, é importante salientar que, apesar das distinções entre os movimentos de cada país, o fascismo apresenta características similares de agir e pensar, conforme demonstrado ao longo do capítulo. É nesse sentido, que buscaremos analisar a construção dos grupos de massa potencialmente fascistas, a fim de mantermo-nos vigilantes quanto à presença de tais comportamentos na sociedade atual.

Apesar da escrita de Freud não ter sido voltada especificamente para a análise das massas fascistas, Theodor Adorno aplica a teoria original da psicologia de massas ao examinar o fenômeno após a sua queda. Em seu texto “A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista” (Adorno, 2015), Adorno escreve sobre a natureza dos discursos a que ele chama de “agitadores fascistas”, bem como as características psicológicas para a formação das massas tendenciosamente fascistas, levando em conta a análise de Paxton acerca da importância dos indivíduos para a ascensão do fascismo ao poder.

De acordo com Adorno, as declarações dos líderes fascistas são essencialmente dirigidas aos seus seguidores com base em cálculos psicológicos que externalizam seus pensamentos a fim de causar identificação em seus seguidores. O objetivo destas lideranças é a transformação das massas em “turbas”, ou seja, multidões tendenciosamente violentas.

Ainda sobre o discurso dos líderes, Adorno, assim como Paxton destaca que, em sua maioria, os discursos fascistas são simplistas e apresentam certa escassez de ideias, entretanto, tal escassez faz parte do mecanismo de repetição necessária para a mentalidade fascista:

(...) os próprios discursos são tão monótonos que encontramos infinitas repetições tão logo nos familiarizamos com o número bastante limitado de dispositivos em estoque. De fato, a constante reiteração e escassez de ideias são ingredientes indispensáveis de toda a técnica. (Adorno, 2015, p. 155).

O autor não objetiva manter-se na análise de discurso dos líderes fascistas, mas também avança a partir do questionamento freudiano: o que transforma as massas em massas?

De acordo com a ótica de Adorno, o ponto de vista biológico deve ser desconsiderado tendo em vista que ao tratarmos da sociedade atual, estamos lidando com uma criação neoliberal, que engrandece o princípio de individualismo, o que, em tese impediria a formação de massas trabalhando em conjunto por um objetivo em comum.

Mesmo se fosse necessário assumir que sobrevivem pulsões arcaicas e pré-individuais, não se poderia simplesmente apontar para essa herança, mas se deveria explicar por que os seres humanos modernos retornam a padrões de comportamento que contradizem flagrantemente seu próprio nível racional e o presente estágio da civilização tecnológica esclarecida. É precisamente isso o que Freud quer fazer. Ele

tenta encontrar as forças psicológicas que resultam na transformação dos indivíduos em massa. (Ibidem, p. 159).

Todavia, por mais que os indivíduos que compõem a massa não apresentem características arcaicas por si só, quando incluídos em um grupo, o indivíduo perde o medo de externalizar seus instintos inconscientes. Isso explica o motivo pelo qual os homens que participam da massa não são primitivos e naturalmente grupais, o que ocorre é que ao adentrar neste ambiente, passam a tomar atitudes contraditórias com seu comportamento racional e normal.

Na visão de Freud, o que une os indivíduos aos outros dentro de uma massa, é um vínculo libidinal, ao se inserirem em um grupo, os indivíduos experienciam uma sensação extrema de excitação ao renderem-se ilimitadamente às suas paixões⁵. Freud vai além dessa visão destacando que o prazer das massas vai além da sensação de experienciar tal liberdade de seus desejos, ao atravessar a fronteira do real com as gratificações obtidas pela inserção na massa. Em acordo com Paxton (2007), Adorno estabelece: “Como uma rebelião contra a civilização, o fascismo não é simplesmente a reocorrência do arcaico, mas sua reprodução na e pela civilização” (2015, p. 162).

Para Freud, a questão central da união das massas está envolta pelos mecanismos psicológicos que transformam a energia sexual em sentimentos que as mantém unidas. Freud enfrenta a questão ao analisar de perto os fenômenos da “sugestão” e “sugestibilidade”, as quais correspondem, em sua visão, à “proteção” ou “anteparo”.

É essencial que as relações amorosas por trás da sugestão permaneçam inconscientes. Freud insiste no fato de que em grupos organizados, tais como exército ou a igreja, não há menção ao amor de qualquer tipo entre os membros, ou é expresso somente de forma sublimada e indireta, através da mediação de algumas imagens religiosas em cujo amor os membros se unem e cujo amor universal se supõe que eles imitem em sua atitude recíproca (Ibidem, p. 162).

No caso alemão, Adorno expressa que Hitler coloca-se no papel de autoridade ameaçadora e o amor é relegado à nação alemã. É aqui que as técnicas do demagogo e do hipnotizador coincidem com o mecanismo psicológico pelo qual os indivíduos são compelidos a sofrer as regressões que os reduzem a meros membros de um grupo. (Ibidem, p. 162).

Através das medidas que toma, o hipnotizar desperta no sujeito uma parte de sua herança arcaica, que também foi submissa aos pais e que experimentou uma revivência individual em relação ao pai. Foi desperta a representação de uma personalidade onipotente e perigosa, contra a qual o sujeito pôde se colocar apenas de forma passivamente masoquista, na qual ele precisou perder sua própria vontade,

⁵ “(...) Antes de tudo, somos cativados por uma reflexão que nos promete demonstrar pelo caminho mais curto que são as ligações libidinais que caracterizam uma massa” (Freud, 2013, p. 86).

e com a qual pareceu uma ousadia duvidosa ficar a sós, ‘aparecer sob seu olhar’ (Freud, 1921, apud Adorno, 2015, p. 164).

A proposição de Freud é contrária à ideia de Paxton ao centralizar a imagem do líder para a agitação fascista. Segundo o estadunidense, a imagem psicológica da liderança é o que importa para a massa e não se ele de fato lidera ou apenas age de acordo com os interesses do grupo, porque apenas a sua imagem psicológica é capaz de promover a ideia do “pai primitivo temido”. (Ibidem, p. 164)

A ideia da massa unida através do pai primitivo, de acordo com Freud, é a cerne da propaganda fascista, visto que a difusão da imagem de homens todo-poderosos toma lugar da discussão dos problemas reais e que não podem ser facilmente solucionados. A busca pelo primitivismo e obediência cega do fascismo através do pai primitivo é o elemento necessário para que os seguidores não mais conservem uma convicção racional do que apoia e passe apenas a seguir por um vínculo passional.

Outro fator importante para a psicologia de massas é a identificação, e para explicar o fenômeno, Freud aponta para o aspecto narcisista da identificação.

(...)o aspecto primitivamente narcísico da identificação com o ato de devorar, de tornar o objeto amado uma parte de si mesmo, pode nos fornecer uma pista para o fato da imagem moderna de líder algumas vezes parecer ser o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo(...) (Adorno, op. cit., p. 168).

O narcisismo de Freud aplicado ao fascismo remete a uma ideia de “idealização” do indivíduo com seu líder, é a forma perfeita do que o indivíduo gostaria de ser, um eu inatingido e que, portanto, é projetado na liderança a fim de suprir o próprio narcisismo. Freud destaca que seu amor por esta figura funciona como uma espécie de substituto do que o indivíduo não pode ser por si mesmo. Dessa forma, o líder corresponde a uma imagem ampliada do sujeito, ou seja, “ao fazer do líder seu ideal, ele ama a si mesmo, por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e mal-estar que desfiguram a imagem de seu próprio eu empírico” (Ibidem, p. 169).

“É precisamente essa idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores, e que é auxiliada pela ideologia do *Führer*. As pessoas com quem ele tem de contar padecem geralmente do conflito moderno característico entre uma instância do eu racional, fortemente desenvolvida e autoconservadora, e o contínuo fracasso em satisfazer as demandas de seu próprio eu; este conflito resulta em impulsos narcísicos fortes, que podem ser absorvidos e satisfeitos apenas através de idealização, como a transferência parcial da libido narcísica ao objeto” (Freud, 1921 apud Adorno, 2015, p. 169).

Entretanto, Freud não deixa de lado o conceito de “Super-homem de Nietzsche”, afinal, como um homem todo-poderoso deve salvar a nação e ao mesmo tempo promover a

identificação em homens comuns? Para responder tal proposição, Adorno aponta que um dos dispositivos da propaganda fascista é o conceito de *great little man*, um indivíduo comum, não corrompido pelos desejos materiais e espirituais, mas que ao mesmo tempo representa uma imagem de onipotência. Nesse sentido, a imagem do líder satisfaz o desejo do seguidor de obedecer a autoridade e ao mesmo tempo ser a autoridade.

A despeito da hierarquia dentro dos grupos fascistas, a tendência é sempre pisar nos de baixo, ideia esta que se manifesta através da perseguição das minorias, conforme também apontado por Paxton (2007), o fascismo baseia-se nas ideias de “*in-group*” e “*out-group*”. Quanto a essa questão, Freud estabelece que se trata de uma ideia enraizada em nossa cultura, na maneira de amar somente a quem nos é semelhante e odiar o que é diferente. Para Freud, a ideia encontra-se tão enraizada que afeta mesmo grupos em que, supostamente, a reação de ódio pelos diferentes são rejeitadas, ele exemplifica através da religião cristã, que mesmo sendo uma religião do amor, deve deixar de fora aqueles a quem Cristo não ama e que não o amam de volta. “(...) uma religião, mesmo que se denomine a religião do amor, tem de ser dura e sem amor para com aqueles que não pertencem a ela. No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores” (Freud, 2013, p.41). A ideia do “*in-group*” e “*out-group*” fornece ao seguidor fascista um ganho narcisista ao sugerir que o indivíduo é superior por pertencer ao *in-group* e justifica o ódio aos excluídos.

Para além do ganho narcisístico, a ideia expurga a intolerância que possa existir entre os membros do “*in-group*”, ao projetá-las, como um todo, às minorias excluídas do grupo. Dessa forma, o ódio torna-se a força motriz da massa fascista, bem como um dos fatores primordiais para sua união e permanência, visto que as suas diferenças são minimizadas e os indivíduos passam a se comportar como se fossem uniformes⁶.

Dessa forma, as ideias sobre o fascismo e suas características são confirmadas por Adorno (2015) ao aplicar a análise da psicologia de massas de Freud, ao passo que, o fascismo não precisa produzir nenhuma mudança social de fato, precisa apenas reproduzir sua mentalidade e repeti-los compulsivamente. O autor destaca, por fim, que

(...) Sua propaganda tem necessariamente que desviar de um pensamento discursivo; precisa ser orientada psicologicamente e tem que mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos. A tarefa é facilitada pelo quadro mental de todos aqueles extratos da população que sofrem de frustrações sem sentido e, portanto,

⁶ “Enquanto a formação de massas persiste ou até onde ela alcança, os indivíduos se comportam como se fossem uniformes, toleram a singularidade do outro, equiparam-se a ele e não têm qualquer sentimento de aversão por ele. Segundo nossas concepções teóricas, semelhante limitação do narcisismo pode ser produzida apenas por um fator: por ligação libidinosa a outras pessoas.” (Freud, 2013, p. 89)

desenvolvem uma mentalidade mesquinha e irracional. Pode muito bem ser o segredo da propaganda fascista que ela simplesmente tome os homens pelo que eles são: verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje, em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade, em vez de se colocar metas cuja realização transcenderia o status quo psicológico não menos que o social. A propaganda fascista precisa apenas reproduzir a mentalidade existente para seus próprios propósitos – ela não precisa induzir uma mudança -, e a repetição compulsiva, que é uma de suas características mais importantes, irá se coordenar com a necessidade por sua reprodução contínua. (Adorno, 2015, p.184).

Todavia, é de suma importância esclarecer que, a causa do fascismo não se dá exclusivamente pela psicologia, de acordo com Adorno, quando as massas são pegas pela propaganda fascista não se trata exclusivamente de uma expressão de seus instintos e desejos, mas sim de uma revitalização de sua psicologia. Posto isso, a psicologia de massas torna-se um importante instrumento para análise dos mecanismos psicológicos do fascismo.

Não é fácil determinar as reações corretas ao avanço fascista, uma vez que seu ciclo não tende a se replicar de maneira cega. No entanto, nossas chances de reagir de forma sensata serão muito maiores se compreendermos de que forma ele veio a alcançar o êxito no passado (Paxton, 2007, p. 361).

Apesar de o governo Bolsonaro não se figurar como uma ditadura, por ainda ter se mantido dentro de uma democracia burguesa, Soares (2021, p. 159) aponta que a atitude e o discurso bolsonarista passam do limite aceitável dentro de uma democracia liberal, visto que o ex-presidente brasileiro flertava explicitamente com ditaduras do século XX, “(...) como a própria ditadura militar brasileira, o Chile de Pinochet ou mesmo os fascismo italiano e alemão” (Soares, 2021, p. 159).

De acordo com Eco (2018, 35), o fenômeno do nazismo só pode ser chamado de tal forma na Alemanha, entretanto, o fascismo não encontra essa distinção. O autor defende que o termo “fascismo” é adaptável a tudo, porque é possível eliminar aspectos de regimes fascistas e mesmo assim, ele continuará a ser reconhecido como tal. “Tirem do fascismo o imperialismo e teremos Franco ou Salazar; tirem o colonialismo e teremos o fascismo balcânico. Acrescentem ao fascismo italiano um anticapitalismo radical e teremos Ezra Pound” (Eco, 2018, p. 35).

Posto isso, Eco propõe uma listagem de características do que ele chama “fascismo eterno” ou “ur-fascismo”, para ele, mesmo que dentro de um sistema essas características se contradigam e sejam típicas de outras formas, que não o fascismo, é suficiente que uma delas se apresente para que exista a possibilidade deste sistema ser considerado como tal.

O Ur-Fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: ‘Quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas’ Infelizmente, a vida não é fácil assim! O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para

cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo (Ibidem, p. 46).

Diante do que foi exposto ao longo deste capítulo, sabe-se que o fascismo, como um elemento que não se restringe aos limites geopolíticos do espaço e do tempo, encontra no bolsonarismo brasileiro similaridades que requerem atenção, fazendo-se necessária uma análise particular de seu fenômeno, bem como, uma comparação entre os dois movimentos a fim de destacar suas semelhanças.

3 CAPÍTULO 02 - O BOLSONARISMO

A fim de obtermos uma análise geral do fenômeno, inicialmente é necessário manter em vista o âmbito internacional, ao passo que o Bolsonarismo não se resume a um fenômeno exclusivamente brasileiro. Insere-se, também, a um contexto internacional reativo às mudanças sociais que vem ocorrendo devido ao processo histórico que aponta para os anos de 1960 como a cerne da revolução científico-tecnológica, vista através da análise de Daniel Aarão Reis, responsável pela grande mudança social, cultural e política. A compreensão dos aspectos históricos que perpassam as transformações no âmbito global é fundamental para que posteriormente possamos observar o fenômeno do ponto de vista nacional a partir de Cristian Aarão.

Dessa forma, para compreendermos a relação entre o cenário internacional e o bolsonarismo no Brasil, nos apoiaremos na discussão proposta por Daniel Aarão Reis (2020), que defende a hipótese de que a revolução digital é a grande responsável pelas mutações em toda a humanidade, especialmente na área do capitalismo mais desenvolvido.

3.1 PRINCIPAIS ASPECTOS DA REVOLUÇÃO DIGITAL

Para Reis, os aspectos principais da revolução digital são:

a hegemonia do grande capital financeiro e suas propostas de desregulamentação dos mercados e privatização das atividades econômicas; a expansão e a consolidação dos chamados paraísos financeiros, onde se hospedam vultosos capitais, livres de fiscalização e tributação; o enfraquecimento da capacidade de decisão e de intervenção dos Estados Nacionais face ao livre fluxo de capitais, a instâncias internacionais e, no caso europeu, face às decisões da tecnocracia que rege importantes segmentos da vida econômica e social do continente; o surgimento de novos setores no campo da economia e da ciência (informática, biotecnologia, robótica, novos materiais, inteligência artificial etc.); o uso extensivo e intensivo dos dispositivos criados pela informática (internet, mídias sociais, novos meios de comunicação etc.); o declínio demográfico da classe operária, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, associado ao aparecimento de novas atividades profissionais e a extinção de diversas profissões tradicionais; a precarização e “informalização” das condições de trabalho de crescentes segmentos da população que vive de salários; a precarização e gradual degradação dos serviços públicos, mesmo ali onde tais serviços, em passado recente, tinham adquirido notável qualidade; a marginalização e a obsolescência de práticas e saberes tradicionais e consagrados; o surgimento das questões e lutas identitárias, dando vazão a demandas longamente reprimidas, mas, ao mesmo tempo, fragmentando o campo dos movimentos sociais populares e da crítica ao poder; e o aumento brutal das desigualdades sociais e regionais, mesmo em países que registraram notável prosperidade, como a Índia e a China (Reis, 2020, p. 02).

Para além disso, há também aspectos políticos importantes a serem considerados, conforme ressalta o autor, como exemplo da "aristocratização" das instituições políticas democráticas e representativas, propiciando um cenário de descrédito progressivo dessas

instituições. Há também a utilização das redes sociais como uma ferramenta política de manipulação de interesses políticos através das chamadas “*fake news*”.

Acerca disso, o autor destaca que a revolução digital e seus aspectos resultam em uma “sociedade da insegurança” (Ibidem, p. 02), a qual se define por uma sociedade desestabilizante e ameaçadora em virtude do temor pelas constantes mudanças radicais que vêm ocorrendo nos âmbitos políticos, sociais e culturais. Para Reis, o estopim de todas os aspectos apontados foi a crise de 2008:

(...) porque, ao invés de jogar o peso da superação da crise sobre os ombros dos capitais financeiros, em particular sobre aqueles que faziam da especulação financeira sua atividade principal, tributando-os, reduzindo e regulamentando suas margens de ação, os diversos governos, ao contrário, fizeram um gigantesco esforço para recuperar a economia às custas dos procedimentos habituais de ‘socialização das perdas’, penalizando os assalariados e a qualidade dos serviços públicos (Ibidem, p. 02).

Dessa forma, o Reis destaca que, neste cenário, pouco ou quase nada foi feito em termos de uma crítica radical às ações do grande capital financeiro, pelo contrário, o que ocorre é uma gestão de crise e apaziguamento das classes operárias frente aos interesses do capital. Tal contexto de crise, originada a partir do ano de 2008, tornou ainda mais propício o desdobramento das desigualdades sociais.

As desigualdades sociais foram responsáveis pela criação de movimentos sociais por todos os continentes, os quais buscam lutar por fora das instituições, contra o grande capital e atender às pequenas reivindicações da população. Todavia, apesar dos grandes esforços destes movimentos, acabaram por não conseguir atingir mudanças expressivas, devido à força do capital contra eles. O que é importante destacar sobre estes movimentos, apesar de sua força ser expressivamente menor que a dos grandes capitais financeiros, são as movimentações que surgem paralelamente, que apesar de também criticar os aspectos da revolução digital, assumem uma posição reativa e nacionalista.

A postura nacionalista ganhou forças em países como os EUA, com a eleição de Donald Trump e na América Latina, em especial no Brasil após a eleição de Jair Messias Bolsonaro, ambos os candidatos são assumidamente de extrema-direita, compartilhando de ideais e discursos similares. Segundo Reis:

Trata-se de uma extrema-direita descomplexada, ativa e propositiva, de grande ativismo público, com frequentes incursões nas ruas, explorando as insuficiências e deficiências dos regimes democráticos, instrumentalizando-os quando convém, desfigurando-os ‘por dentro’ e usando intensamente os mecanismos próprios da revolução digital (Ibidem, p. 03).

Assim, é importante salientar que, em cada lugar do mundo o fenômeno ocorre de maneira distinta, visto que, cada país possui suas particularidades com relação ao contexto social, político e cultural. Nesse sentido, conforme proposto, nossa análise partirá das especificidades brasileiras que propiciaram a ascensão de Bolsonaro.

Para o autor, no caso brasileiro, a crise de 2008 teve grande impacto econômico ao atingir os preços das commodities, implicando na diminuição do fator principal de avanço econômico latino-americano, inviabilizando, através da diminuição das margens econômicas, as políticas de distribuição de renda. Como de praxe aos governantes da América Latina, a solução encontrada não foi a mobilização popular, capaz de enfrentar o capital responsável pela crise, mas sim, políticas de reformismo e apaziguamento.

3.2 A ASCENSÃO DO BOLSONARISMO

Ao iniciarmos a análise sobre a ascensão do bolsonarismo, é importante visualizar o contexto social do Brasil pré-eleições de 2018. Para Reis, os partidos reformistas como PT e PSDB, perderam gradativamente seu ímpeto progressista e inovador, ao passo que foram “sugados pelas dinâmicas tradicionais da ‘classe política’ no que essa tinha - e tem - de mais conservador e repulsivo” (Ibidem, p. 06).

É importante destacar que os partidos reformistas, aos poucos, ganharam a confiança da sociedade brasileira no geral, a partir de suas realizações políticas que atendiam às demandas da população. O autor exemplifica: “(...) políticas de distribuição de renda e inclusivas (aumentos reais do salário mínimo. política de cotas para ingresso nas universidades e serviços públicos. política tributária de incentivo à aquisição de bens de consumo etc.)” (Ibidem, p. 06).

Entretanto, inseridos ao contexto de crise econômica, principalmente no ano de 2008, conforme destaca o autor, os dois partidos não puderam dar seguimento em suas políticas inovadoras e acabaram por perder o destaque no cenário nacional. Para além disso, Reis aponta que os partidos se confundiram e aliaram-se com as chamadas por ele de ‘forças do atraso’, deixaram de lidar com as demandas do povo - cada vez maiores, dado o momento de crise econômica -, não possuíam planejamento claro para o combate à corrupção, problema que se agravava no momento em que as principais lideranças dos partidos eram envolvidas em escândalos de corrupção, que contribuem ainda mais para sua desmoralização e acentua a desconfiança da população.

Não apenas perderam a dinâmica reformista, mas ‘se lambuzaram’ alegremente com prebendas, pecúnias e propinas. A ‘aristocratização’ das instituições políticas e jurídicas, que já vinha se consolidando há décadas, ganhou intensidade sob os governos tucanos e petistas sem que estes, em nenhum momento, assumissem uma

atitude crítica. As direitas aproveitaram-se para criminalizar o exercício da atividade política em geral, com perdas e danos irreparáveis para os principais partidos e lideranças da Nova República. Além disso, assistiram passivos – e frequentemente cúmplices – ao crescimento de forças conservadoras – representadas pelas bancadas BBB (boi, bala e bíblia), com as quais efetuaram ‘tenebrosas transações’, em troca de votos no Parlamento (...) Em nome da chamada ‘governabilidade’, instauraram o desgoverno, distanciando-se de seus compromissos e promessas originais (Ibidem, p. 07).

A partir de tal panorama, percebe-se o cenário propício para a ascensão de políticas que se intitulam “salvadoras” e que propõem mudanças radicais de uma política tradicional e corrupta. Todavia, ainda diante deste cenário aparentemente inevitável para a eleição de Jair Bolsonaro, o autor aponta que ainda havia a possibilidade para frear o avanço do bolsonarismo no Brasil, e destaca que o período eleitoral de 2018 deixa claro as circunstâncias e decisões responsáveis pela vitória de Bolsonaro.

3.3 A VITÓRIA DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL ATRAVÉS DE JAIR BOLSONARO

Para Reis, a vitória do ex-presidente Jair Bolsonaro se deu através de erros políticos dos candidatos que estavam do lado oposto de sua candidatura. Em primeiro lugar, o autor destaca a subestimação da força de Bolsonaro, visto que a polarização brasileira sempre tendia aos tucanos e petistas e o ex-presidente aparecia como uma figura nova e fora do jogo político entre os dois partidos, não sendo necessariamente um *outsider* político, como no caso de Donald Trump (Levitsky; Ziblatt, 2018), mas externos às alianças tradicionais de poder. Em segundo lugar, a falta de uma frente ampla de esquerda fora do PT, que já sofria uma alta rejeição da sociedade brasileira devido aos escândalos de corrupção e a prisão do até então ex-presidente Lula. Em terceiro lugar, aponta a candidatura de Fernando Haddad, como uma “movimentação suicida” do partido, ao passo que a candidatura se apoiava em uma extensão de Lula, e Haddad foi incapaz de desassociar sua imagem do líder petista (Reis, op. cit., p. 08).

Todos esses fatores contribuíram para o fortalecimento da candidatura de Jair Bolsonaro, que facilmente colocava-se como o oposto de tudo o que petismo representava, e ao contrário do PT, Bolsonaro construiu uma ampla frente direitista e conservadora. “Bolsonaro soube tecer importantes alianças com o capital financeiro, aparece como campeão da moralidade e da segurança, teceu e consolidou laços com igrejas evangélicas e com outras forças conservadoras – as bancadas da ‘bala e do boi’” (Ibidem, p. 08).

Para além da construção de alianças decisórias, o autor cita o suposto atentado sofrido pelo ex-presidente Bolsonaro no momento da campanha, que propiciou uma imagem de

vítima, além de legitimar o não comparecimento nos debates presidenciais, em razão do quadro clínico do então candidato. Nesse cenário, as pesquisas já apontavam para a vitória de Jair Bolsonaro, e infelizmente, os resultados das eleições confirmaram a previsão.

3.4 AS CARACTERÍSTICAS DO BOLSONARISMO

A fim de analisar as características do bolsonarismo, Reis propõe que o contexto internacional de revolução digital promove a criação de movimentos de reação às mudanças suscitadas pela tecnologia. No caso do bolsonarismo, destaca-se os movimentos nacionalistas e ultradireitista, que fazem uso intenso e agressivo dos meios digitais para propagação de violência e *'fake news'*.

O fator das *'fake news'* torna-se importante força motriz para o crescimento e fortalecimento contínuo do bolsonarismo, ao passo que, a verdade é centralizada ao líder e tudo o que vem de fora é taxado como mentira. Para compreendermos tal mecanismo, lançamos mão do debate proposto por Cristian Arão (2020) em sua análise sobre as redes sociais e a psicologia das massas, no qual analisa as táticas utilizadas por empresas de tecnologia e publicidade para a manipulação e influência das massas. Arão trata da psicologia como um instrumento importante para a análise do indivíduo inserido ao seu contexto social, o que facilitará na caracterização do bolsonarismo e seus seguidores para além dos aspectos sociais e históricos retratados por Reis.

Dessa forma, o autor propõe que Sigmund Freud foi o precursor na análise do inconsciente, ao estabelecer que os fenômenos da mente ocorrem majoritariamente em áreas não conhecidas pelo consciente. É neste sentido que o autor destaca a importância da teoria psicanalítica de Freud para a compreensão dos fenômenos que movem o indivíduo, bem como sua teoria auxilia no questionamento de coisas que se revelam muito profundas e passam despercebidas pela superficialidade.

Podemos ter pensamentos, sentimentos, desejos e até impressões sensoriais, que sentimos subjetivamente como sendo nossos, e que no entanto, embora os experimentemos, foram-nos inculcados por alguém de fora, são basicamente estranhos a nós, e não são o que pensamentos, sentimos etc. (Fromm, 1981, p. 153 apud Arão, 2020, p. 190).

É importante destacar que, de acordo com Freud, o inconsciente representa uma parte muito maior do que o consciente, para ilustrar tal imagem, o autor utiliza-se do Iceberg, no qual o consciente consiste somente na ponta, com sua totalidade majoritariamente imersa na água. Todavia, Arão destaca que há uma barreira separando o inconsciente do consciente, sendo esse obstáculo a censura. “Tudo aquilo que não foi aprovado no teste da censura acumula-se no inconsciente; todos os traumas, desejos julgados como impróprios e tudo mais

que seja contrário ao projeto racional fica reprimido” (Arão, 2020, p. 191). Entretanto, deve-se compreender que a censura não esconde ou acaba com os desejos considerados impróprios, mas sim os reprime, com tudo o que é reprimido pela censura tem o desejo de retornar ao consciente. “(...) tudo o que foi guardado não permanece imóvel e mantém-se à espreita, esperando oportunidade para emergir” (Ibidem, p. 191).

3.4.1 A psicologia de massas de Freud

Com o pano de fundo da psicanálise, a proposição freudiana não deve ser restrita apenas à análise do indivíduo isolado. Para Freud, o indivíduo é resultado do meio social e das influências que este meio proporciona em seu inconsciente. Dessa forma, o homem é visto como um animal de bando, desde o seu nascimento sempre esteve agrupado em uma horda. Assim, compreende as massas como uma “reencarnação” dessa horda. “(...)os participantes da massa psicológica partilham uma alma coletiva, uma espécie de mente grupal que homogeneiza os indivíduos e tem o poder de transformá-los em uma coisa diferente do que eles pareciam ser quando em outro contexto” (Ibidem, p. 192).

De acordo com tal proposição freudiana⁷, é possível afirmar que ao inserirem-se na massa, as pessoas percam sua individualidade em prol de misturar-se aos ideais da massa psicológica, passando a agir e pensar de formas similares. Ao adentrar um grupo, o indivíduo deixa de ser ele mesmo, tornando-se algo muito maior; a massa proporciona a noção de força e poder, fazendo com que as barreiras de censura que antes barraram os desejos inconscientes, tornem-se desnecessárias. “Dentro da massa a pessoa sente-se segura para deixar emergir seus demônios que em outra situação permaneciam escondidos pela censura. Nesse contexto, não há vergonha em admitir o gozo com a violência, por exemplo” (Ibidem, p. 193). Nesse momento, a violência e a barbárie passam a ser motivo de orgulho, ao passo que toda a violência inconsciente reprimida pelo processo civilizatório agora está livre para emergir como um padrão de ação dentro da massa.

Além disso, Arão também destaca que dentro da massa psicológica, o indivíduo perde sua capacidade de análise e senso crítico tornando-se suscetível a sugestões e contágios. “(..) a pessoa torna-se uma espécie de autômato, programável como alguém em estado hipnótico” (Ibidem, p. 139). Sem a capacidade plena de discernimento, surge a necessidade de busca por uma autoridade responsável pela condução da massa, o autor aponta que para essa autoridade não há nenhuma necessidade de comprovar seu conhecimento de forma racional, ou sequer

⁷ “Pode-se dizer, segundo McDougall, que dificilmente os afetos dos homens se elevam, em outras condições à altura que atingem numa massa, e é mesmo uma sensação prazerosa, para seus membros, entregar-se tão abertamente às suas paixões e fundir-se na massa, perdendo o sentimento de delimitação individual” (Freud, 2013, p.25)

promover argumentos baseados na realidade, a única necessidade é haver convicção. “Como a massa representa o avesso (isso é, o que estava por dentro), o inconsciente assume a superfície e quem representa melhor os anseios do inconsciente serve de referência” (Ibidem, p. 139).

O líder escolhido pela massa ocupa um papel fundamental em sua criação e manutenção, visto que ele é o ponto central de referenciais do grupo. Assim, os líderes, de acordo com Arão, oferecem a capacidade de condução que o indivíduo se julga incapaz de fornecer a si próprio.

3.5 RELAÇÕES DA PROPAGANDA PLUBLICITÁRIA COM O INCOSCIENTE

De acordo com Arão, em sua análise sobre a propaganda política no século XX, cita o exemplo de Edward Bernays, considerado o pai da propaganda moderna e responsável pela criação do termo “relações públicas”. Conforme explica o autor, após a participação de Bernays na Comissão Creel, durante a Primeira Guerra Mundial, no qual o objetivo era influenciar a opinião pública para que apoiassem a entrada dos EUA na guerra, Bernays concluiu que os mecanismos utilizados durante a guerra poderiam também ser utilizados na sociedade em geral. O objetivo do austro-americano era construir um novo modo de fazer publicidade, para ele, a publicidade deve estar interligada com a psicologia das massas, vide sua intenção de manipular o inconsciente dos indivíduos para criar uma conexão emocional com o produto ofertado, ou seja, a indução do desejo de compra como algo de vontade própria do indivíduo.

No contexto democrático atual, Arão destaca que as técnicas de manipulação tiveram a necessidade de aprimoramento. Na visão de Bernays, conforme explica o autor brasileiro, o povo deve ser controlado, do contrário reinaria o caos. Nesse sentido, a democracia torna-se um problema visto que as pessoas não podem ser livres e a opinião pública deve ser manipulada para o próprio bem da sociedade. “De acordo com Bernays, falsear a verdade, criar heróis e vilões e introjetá-los nas mentes das pessoas é essencial para quem quiser influir sobre as massas” (Ibidem, p. 200).

3.5.1 As *fake news*

As “*fake news*” surgem como uma excelente forma de disseminar falsas narrativas, capazes de constituir uma visão de mundo fora da realidade; com a criação de uma realidade paralela propiciada pelas notícias falsas, a fonte de verdade das massas passam a ser suas lideranças, e quaisquer notícias que estejam contra os ideais e vontades da massa são consideradas *fake news*.

Para o funcionamento efetivo da disseminação de notícias falsas com esse intuito de criação de ‘verdades alternativas’, as bolhas das redes sociais e os grupos de WhatsApp cumprem um papel fundamental. A partir do momento em que as pessoas

passaram a se informar mais pelas redes sociais e a dar mais credibilidade às informações que recebem em seus grupos do que à ‘mídia tradicional’, ficou mais fácil disseminar mentiras (Ibidem, p. 200).

Percebe-se que a internet foi um fator facilitador para a união de indivíduos com os mesmos ideais e sentimentos em prol de uma massa, com as redes sociais colaborando para que esses indivíduos deixassem de ser isolados e passassem a fazer parte de algo maior, de forma a acreditarem que não seriam mais seres enganados pela mídia tradicional, pelos políticos e pelas instituições que outrora deixaram de cumprir com suas promessas, vide que dentro desta rede, poderia confiar nos discursos, relatos e informações compartilhadas. Nesse sentido, as notícias falsas trabalham com o aspecto sentimental desses indivíduos e não mais racionais. “Há muito pouca preocupação com a coerência ou a credibilidade das notícias; o que interessa é quais sentimentos são convocados pelas narrativas.” (Ibidem, p. 201).

Ainda de acordo com Arão, as ‘fake news’ possuem maior alcance e disseminação do que as notícias verdadeiras pois possuem um caráter chocante, ao passo que elas tendenciosamente apresentam versões surpreendentes da realidade, capazes de criar diversas sensações. “Fatos são distorcidos ou exagerados para parecer sempre algo muito grandioso, que o mundo desconhece” (Ibidem, p. 201).

3.6 O BOLSONARISMO E A PSICOLOGIA DE MASSAS

Conforme proposto por Arão, a psicologia de massas de Freud torna-se importante aliada na compreensão de fenômenos que vão além da superficialidade do indivíduo e necessitam de uma análise que busque investigar também o meio social no qual esse indivíduo está inserido. É nesse sentido que Bispo *et al.* (2022) discutem a influência do bolsonarismo no Brasil pela ótica da psicologia de massas dentro das condições contemporâneas como as redes sociais e as notícias falsas, que ampliaram a potencialidade dos discursos de massa, conforme relatado ao longo do capítulo.

Dessa forma, os autores propõem que o debate sobre o bolsonarismo deve-se partir de uma descrença mobilizadora, na qual a sociedade brasileira perdeu a confiança e assume uma postura descrente com relação à política no país. “Sempre concebemos o discurso político como repleto de promessas falsas, é sempre a mesma coisa, é só um faz de conta.” (Bispo, *et al.*, 2022, p. 04). Os autores exemplificam a descrença da população na política através da eleição de Tiririca:

Por mais que os jornalistas e intelectuais alertassem para a armadilha democrática caracterizada pelo voto de protesto, o palhaço brasileiro conseguiu ser o mais votado no cargo que disputou. Conseguiu esse feito justamente destacando, em sua campanha, o seu próprio despreparo: ‘Vote Tiririca, pior do que tá não fica (Ibidem, p.04).

Na visão dos autores, a eleição de Tiririca já denunciava a potência mobilizadora da descrença no sistema político. Todavia, como mostram os fatos históricos que se sucederam até a eleição de Jair Bolsonaro, é sempre possível piorar. É importante mantermos em vista o cenário brasileiro da década de 2010, estarecido pela crise econômica e os escândalos de corrupção envolvendo o líder do Partido dos Trabalhadores, fator que culminou na estratégia do discurso anticorrupção em prol de “capitalizar essa descrença, buscando personificá-la primeiramente na figura do PT e, depois, nas próprias instituições públicas, como o STF e o sistema eleitoral como as urnas eletrônicas” (Ibidem, p. 04-05).

A ideia de que a corrupção é generalizada a toda política tradicional e às instituições que a compõem, fomenta a ideia de desconfiança construindo um cenário propício para a “relativização da verdade” (Ibidem, p.05) que leva ao discurso das notícias falsas. Toda a estratégia bolsonarista ocorre através de um discurso de exceção, no qual o líder difere-se de “tudo isso que está aí”, apostando massivamente em uma campanha contra corrupção e que exaltasse os valores tradicionais advindos de um suposto passado glorioso: “Deus, pátria e família” utilizado como slogan do ex-presidente.

Conforme tratamos anteriormente, Bolsonaro consegue formar alianças com setores importantes da sociedade brasileira, além de mobilizar cada uma dessas massas heterogêneas de forma diferente, utilizando-se de discursos que atingissem cada um desses grupos diretamente:

(...) essa massa não foi alcançada senão pela lógica de se transmitir, para cada grupo, o que cada um queria ouvir. As mídias sociais permitiram que a campanha eleitoral pudesse destacar, para os religiosos, os boatos relativos à sexualidade; para os militares, as questões pertinentes a um suposto patriotismo e à militarização da segurança pública; para os empresários, uma promessa de liberalismo econômico e, para os antipetistas, mensagens contra corrupção. Ao mesmo tempo em que esses grupos formavam uma grande massa, cada um deles era mobilizado por mensagens diferentes, cuja veracidade ficava em segundo plano (Ibidem, p. 06).

Assim, a massa possui forte influência sobre o indivíduo, fazendo com que abandone a própria individualidade em prol de inserir-se neste grupo. O indivíduo deixa de lado sua racionalidade em prol da emoção, fator que acarreta a perda do senso crítico e maior suscetibilidade à discursos enganosos:

Os grupos nunca ansiavam pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; são quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro. Possuem tendência evidente a não distinguir entre as duas coisas [...]. Tal como nos sonhos e na hipnose, nas operações mentais de um grupo a função de verificação da realidade das coisas cai para o segundo plano, em comparação com a força dos impulsos plenos de desejo com sua catexia afetiva (Freud, 1921/1996, p. 87 apud Bispo, *Et al.*, 2022, p.06).

A partir da percepção do Bolsonarismo como um movimento de manipulação das massas, é possível que façamos uma comparação entre o movimento fascista na Alemanha, o qual Theodor Adorno analisa em sua proposição sobre a “A Psicanálise de Freud e o Padrão da Propaganda Fascista” e o Bolsonarismo no Brasil devido às suas características similares de manipulação, bem como as caracterizações dos líderes e seus seguidores, que podem ser melhor observadas através de uma ótica comparativa.

4 CAPÍTULO 03 - O CASO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O FASCISMO NA ALEMANHA E O BOLSONARISMO NO BRASIL – MÉTODOS E DISCURSOS EM ADORNO

A busca pela explicação de como a extrema-direita consegue exercer influência sobre toda uma população é de suma importância ao analisar o caso brasileiro. Em “Aspectos do Novo Radicalismo de Direita” (2020), Theodor Adorno debate como decifrar as características peculiares do novo radicalismo de direita, o qual será utilizado, em conjunto da obra “A Psicanálise de adesão ao fascismo” (2015) como base para a escrita deste capítulo, observando-se os traços do bolsonarismo no Brasil. De acordo com Sousa e Oliveira (2020, p. 120), a análise do fascismo no período atual não busca realizar um estudo histórico sobre “O mal do século XX”, mas sim trazer o fascismo para a atualidade como um movimento vivo.

O fascismo no Brasil ganha forma diante da ascensão de Jair Bolsonaro, e se intensifica ainda mais após sua eleição em 2018. De acordo com Kátia Menezes de Sousa e Rafael Camargo de Oliveira (2020, p. 121), o termo fascismo no Brasil fora evitado durante muito tempo, sendo utilizado somente pela esquerda, seja através de jornais ou demais veículos de comunicação, contudo, após a eleição do ex-presidente, o debate torna-se de interesse mundial e até mesmo veículos tipicamente de direita passam a utilizar o termo para tratar-se de Bolsonaro. Nesse sentido, a fim de comprovar a tese de que o bolsonarismo utiliza-se de discursos e possui características similares ao fascismo na Alemanha, iremos nos ater, portanto, a uma análise comparativa entre o fascismo alemão e a política bolsonarista no Brasil, bem como o contexto social vivenciado por ambos os países, para além da similaridade ideológica que ambos detinham

Dessa forma, Adorno (2020, p. 51) elucida que, para uma antecipação do colapso, o partido nazista alemão já representava um papel de força antes mesmo que houvesse, de fato, uma crise econômica. Justifica Adorno que, “(...) da antecipação do terror, creio realmente ter tocado algo bastante central que, até onde posso ver, é muito pouco levado em conta nas visões correntes entre o radicalismo de direita: a relação bastante complexa e difícil que se dá com o sentimento de catástrofe social” (Adorno, 2020, p. 51). A solução, dada pelos movimentos de extrema-direita, para as crises inevitáveis (apesar de ainda não concretas) são eles mesmos, dessa forma, Adorno aponta que esses movimentos querem a catástrofe, ao passo que se nutrem disso.

Além disso, outro importante aspecto desses movimentos é o fator de organização rígido e centralista como verdadeiros solucionadores dos problemas daquela sociedade, ou seja “Esses movimentos se apresentam sem exceção como se já tivessem tido um êxito muito

grande, e atraem as pessoas por meio do fingimento de que são, portanto, os garantidores do futuro e de que têm por trás deles sabe Deus o quê” (Ibidem , p. 53).

Para o Brasil, o bolsonarismo surge diante de um contexto de instabilidade econômica e política, após a queda da presidenta Dilma Rousseff em 2016. Dessa forma, em concomitância ao fascismo alemão, o bolsonarismo, segundo afirma Alexei Indursky (2020, p. 151) aparece como uma forma de “higienização da velha política”. Assim, uma solução dos problemas trazidos pelo partido anterior através de um único homem que passara 28 anos na Câmara dos deputados, com apenas dez projetos aprovados, de acordo com dados da Câmara dos Deputados⁸.

Outro fator importante ao caso alemão é a consciência de nacionalidade, vide que a Alemanha no período nazista se comparava negativamente ao estado de desenvolvimento dos demais países da Europa, como Inglaterra e França, fator este que corroborou ainda mais para que os indivíduos sentissem uma angústia com relação à sua identidade nacional. Isto, segundo Adorno, contribuiu para a supervalorização do nacionalismo como algo verdadeiramente seu, ao indicar que o temor dos alemães à mistura de raças pode ser explicado a partir desse sentimento.

4.1 PROPAGANDA E DESINFORMAÇÃO: MECANISMOS DE MANIPULAÇÃO

Um ponto de suma importância para a análise dos movimentos de extrema-direita é a utilização da propaganda como um meio de “nivelar a diferença inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos simulados” (Adorno, op. cit., p. 54). Dessa forma, apesar de não haver teorias ou mesmo um senso crítico dentro desses movimentos, a propaganda constitui todo o aparato político e ideológico da direita. A grande característica desses movimentos, segundo o autor, é a execução dos meios, principalmente dos meios de comunicação em conjunto de uma ignorância quanto aos objetivos reais da sociedade, assim, pode-se dizer que os meios substituem os fins dentro desses movimentos. Não havendo perspectivas para concluir-se nada, a tendência destes movimentos é sempre fomentar atritos através da propaganda, de maneira a desviar a atenção de um governo incompetente para qualquer oposição.

Adorno defende que a propaganda nesses movimentos diz respeito a cálculos psicológicos e a intenção de fato de conseguir seguidores por meio do campo irracional, uma das técnicas utilizadas pelos movimentos de extrema-direita que diz respeito à padronização e

⁸ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Atividade Legislativa. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaProposicoes&pagina=1&order=data&abaEspecific=true&filtros=%5B%7B%22autores.nome%22%3A%22JAIR%20BOLSONARO%22%7D,%7B%22aprovado%22%3A%22Aprovado%22%7D%5D&q=%2a>. Acesso em: 26 jun. 2023.

à repetição das mesmas falas. Dessa forma, os discursos tornam-se tão familiares e tão repetitivos que passam a ser “normais” aos ouvidos de seus seguidores. Há ainda, outra similaridade importante a ser destacada, o discurso nazista e anticomunista rondava a Alemanha da época. Adorno relata que o partido comunista alemão, apesar de ser “numericamente bastante forte e a rivalidade política entre os nazis e comunistas tinham em todo caso uma certa plausibilidade” (Ibidem, p. 60), o temor por uma suposta ameaça comunista era um exagero. O que ocorre atualmente é que o comunismo não é mais um partido com tamanha força e volume na Alemanha, o que faz com que o comunismo assuma um caráter abstrato e místico, tornando propício o cenário de que tudo o que não convém é tido como comunista e rechaçado como tal, como aponta Adorno, “Comunismo tornou-se puramente uma palavra para assustar”. (Ibidem, p. 60)

No Brasil, as *fakes news* tiveram a função de inventar e espalhar mentiras que provocam o medo na população. De acordo com Cristian Arão (2020, p. 200), “O uso da mentira torna-se mais sofisticado porque elas podem se inter-relacionar criando um conjunto de narrativas que constitui uma visão de mundo própria e ao mesmo tempo fora da realidade”.

Conforme discutido anteriormente, a fonte de verdade e confiança passa a ser única e exclusivamente centralizada ao líder das massas, de acordo com Arão, criando assim, uma realidade paralela na qual todas as ideias contrárias à ideologia da massa não passam de *'fake news'*

Com o advento das redes sociais, as informações são transmitidas de maneira mais rápida e fácil à população no geral, que passa a se informar através de notícias veiculadas em grupos de WhatsApp e Facebook, facilitando ainda mais a disseminação de mentiras que favorecem o líder do grupo.

Essa nova organização fez com que as pessoas se agrupassem para expressar sua raiva contra o sistema corrupto, as pessoas más e tudo que está aí. Esse sentimento, então, é canalizado para a criação de grupos que mantêm em comum o ódio a um inimigo que está em todo lugar que não seja o grupo daquelas pessoas (Empoli, 2020 apud Arão, 2020, p. 200).

Nesse sentido, o medo, segundo afirma Arão, é um importante fator de manipulação para a extrema-direita, ao passo que “Em situação em que as pessoas percebem algum tipo de risco, é comum que a razão entre em suspensão e as pessoas sejam mais facilmente levadas pela mentalidade de manada” (Arão, op. cit., p. 201). Dessa forma, tanto no Brasil atual, quanto com o nazismo na Alemanha, o medo e a utilização de inimigos comuns que ferem os valores daquela sociedade tornam-se semelhantes em sua intenção: fazer com que seus seguidores deixem de pensar racionalmente e adotem uma postura de irracionalidade. Em

situações de medo e risco, é normal que sigamos a manada ao invés de averiguar se há realmente um perigo a ser enfrentado, o autor exemplifica: “(...) se estivermos num prédio e presenciarmos uma horda que corre e grita fogo, é natural que a sigamos sem averiguar a existência de fumaça ou coisa que a valha” (Ibidem, p. 201-202).

Posto isso, Theodor Adorno em “A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista” (2015), alega que a comunicação efetiva do líder com seu grupo se destaca pelo fato de que há certa identificação (proposital) do líder para com sua massa. Entretanto, suas falas e discursos não são metodicamente pensados, como se fossem de fato conhecedores da teoria de psicologia de massas, o que ocorre, segundo o autor, é a apresentação do caráter deste líder aos seus seguidores, portanto ele “simplesmente volta seu próprio inconsciente para fora” (Adorno, 2015, p. 182). Assim, ele afirma que a experiência oratória desse líder o ensinou como se deve agir frente às massas, o que o faz utilizar de modo racional a sua irracionalidade de modo semelhante ao ator, ou a certo tipo de jornalista que sabe como vender suas instabilidades nervosas e sensibilidades.” (Ibidem, p. 182).

Dessa forma, a propaganda fascista é baseada, de acordo com Adorno, em cálculos puramente psicológicos, ao passo que a propaganda não pode ser feita de maneira racional quando a intenção dos líderes fascistas é que o indivíduo aja contra seu próprio interesse racional. Por isso o vínculo é necessário, toda a ideia e agitação fascista, de acordo com o autor, está centrada no líder e em sua figura psicológica irracional. Há, além disso, outra importante característica do fascismo citada pelo frankfurtiano: o Anti-intelectualismo, termos como “intelectual de esquerda” utilizado como meio de assustar os indivíduos da massa: “(...) quem não se insere na divisão do trabalho, quem por meio de sua profissão não está ligado a uma determinada posição e, portanto, a um pensamento bastante determinado” (Adorno, 2020, p. 61).

Essa proposição de temor contra os intelectuais da esquerda, apela para uma certa desconfiança do povo contra um indivíduo que por suas convicções é considerado um “patife”, propagando um rancor pelo trabalho intelectual em contraposição a uma supervalorização do trabalhador manual. O Anti-intelectualismo se estabelece, também, pelo temor de que seu inconsciente se torne consciente. A técnica de propaganda que dissemina ódio ao intelectualismo, liga-se a “certos traços formais, assim como conteúdos particulares mais ou menos isolados” (Ibidem, p. 68).

Adorno discute os pequenos truques que, apesar de fracos e pobres, ganham valor propagandísticos por meio da repetição, conforme dito anteriormente, mas, para além disso,

também se utiliza de certo formalismo para dificultar a verificação do que se diz. Dessa forma, os movimentos de extrema-direita inventam histórias ou supostos “fatos” completamente descolados da realidade, mas que pela repetição tornam-se parte do cotidiano, e, portanto, tornam-se conhecimentos difíceis de serem verificados, devido a dificuldade de seus argumentos, dando certa autoridade a quem os fala, nesse caso, o líder fascista.

Posto isso, ocorre o que Adorno chama de “método salame” (Ibidem, p. 69), onde se corta aos poucos partes de um complexo, formando uma pseudociência que se vê no direito de duvidar dos fatos noticiados. Adorno exemplifica com o assassinato de judeus: “E então se diz: “Sim, não foram seis milhões, mas somente cinco e meio” e uma vez lá, então começa-se a suspeitar se eles de fato foram assassinados” (Ibidem, p. 70).

4.2 O NEGACIONISMO COMO FERRAMENTA POLÍTICO DE BOLSONARO

O negacionismo, de acordo com Clayton Guerreiro e Ronaldo de Almeida (2020), trata-se da negação dos fatos científicos, estimulando a descrença dos indivíduos nas constatações de cientistas e estudiosos. No Brasil, durante a pandemia da Covid-19, o governo Bolsonaro adotou uma postura negacionista, contrariando os fatos apresentados por médicos, cientistas e até mesmo pela própria Organização Mundial da Saúde (OMS), e insistia em disseminar a eficácia do “tratamento precoce” com medicamentos que não possuíam eficácia científica comprovada como a cloroquina e a fosfoetanolamina. Lenin B. Bárbara (2020) afirma que Bolsonaro utilizava-se, para justificar tamanha atenção à cloroquina, a própria comunidade médica que em 2016 alegava, através das mídias tradicionais, que o medicamento poderia ser usado no combate à microcefalia causada pelo Zika vírus. Apesar de nunca comprovada a sua eficácia no tratamento da microcefalia, Bolsonaro fez uso deste discurso como uma forma de, segundo o autor, “minar” a credibilidade das informações transmitidas pela mídia.

Para o caso específico da cloroquina, devido a grande pressão popular e por parte do poder executivo, médicos e especialistas decidiram, por fim, autorizar a utilização do medicamento apenas para o tratamento de sintomas leves, mesmo que ainda não houvesse comprovação de sua eficácia para tal. É notável neste momento, observar que a palavra da ciência dá lugar ao emocional da sociedade civil, evidenciando a sobreposição da irracionalidade, almejada pelos movimentos fascistas, sobre a racionalidade, que tende a desmistificar suas intenções.

Discutindo-se tanto da fosfoetanolamina, quanto da cloroquina, Bárbara afirma:

Nos dois casos, autoridades políticas e especialistas mencionaram experiências clínicas não controladas e pesquisas de baixa qualidade metodológica como se

fossem provas contundentes de eficácia terapêutica. Nos dois casos, programas de tevê e jornais veicularam depoimentos pessoais, por vezes com forte apelo emocional, de médicos ou pacientes convencidos de que tais substâncias salvam vidas. Nos dois casos, formadores de opinião buscaram pintar a atitude cautelosa da comunidade científica e de agências reguladoras como um “obstáculo” para a cura, como algo contrário à esperança. Nos dois casos, o público leigo no assunto se depara com afirmações contraditórias de diferentes especialistas. Nos dois casos, representantes eleitos pressionaram instituições públicas a produzir tais substâncias e incentivaram seu uso, mesmo sem comprovação adequada de segurança e eficácia, gerando atrito entre os sistemas político e científico (Bárbara, 2020 p. 93).

Nesse sentido, é importante compreender que os indivíduos da massa tendem a acreditar nos fatos antes que estes possam ser examinados de fato, principalmente se estes forem comunicados por alguém ideologicamente similar e com suposta credibilidade justificada pelo fator de identificação. Aqui se percebe o embate entre o intelectualismo e as figuras de extrema-direita, vide que os seguidores de Bolsonaro passaram a desacreditar a palavra da ciência, como também da própria mídia ao perceberem que tais constatações não eram convenientes aos ideais de seu líder. A criação desse mundo fora da realidade, onde somente a palavra do líder é a verdadeira, torna-se um ambiente propício para a manipulação dessas massas em favor de seu discurso, fazendo com que qualquer discussão passe a ser polarizada. De um lado, os intelectuais de esquerda contrários a todos os valores de sua ideologia, e de outro, a extrema-direita, que se alinha ao ideal da massa, no qual até mesmo a questão da saúde pública é posta em xeque e trazida ao campo emocional, onde mesmo os fatos científicos tornam-se apenas mais um truque da esquerda para contrariar a palavra do líder.

4.3 A ALIANÇA DO FASCISMO COM O NACIONALISMO

Há, ainda, o aspecto do nacionalismo, discutido por Theodor Adorno (2020). Apesar de não se estabelecer mais como um recurso essencial da extrema-direita, o nacionalismo ainda desempenha papel importante em seus discursos e ações: “(...) convicções e ideologias quando elas não são mais de fato substanciais devido à situação objetiva, assumem então seu caráter demoníaco, seu caráter verdadeiramente destrutivo.” (Adorno, 2020, p. 48). Já na época de Hitler, segundo afirma o autor, o nacionalismo já não era ponto de extrema importância para sua ideologia, na realidade, este aspecto mostrava certa oscilação e questionamentos sobre ele. Todavia, havia a necessidade de demonstrar aos seguidores a sua eficácia e convencê-los sobre o discurso.

Como explica Pedro Dória (2020), o fascismo é um fenômeno peculiar, pois consegue a devoção daqueles a quem a esquerda chama de proletário, ao torná-lo uma “Identidade positiva”. O indivíduo, por sua vez, perde a identidade de proletário, ele não é mais apenas

um proletário, sua identidade agora é pertencer àquela nação, “(...) Um filho, uma neta, do Império Romano que inventou a Europa. A pessoa é especial” (2020, p. 10). Este é o apelo nacionalista a qual o fascismo se utiliza a fim de convencer seus seguidores, com o emocional novamente tornando-se peça chave para atrair ainda mais pessoas.

Com base no exposto até aqui, é possível compreender de que forma o discurso fascista é articulado. Todavia, há de se atentar também para a questão do que torna as massas em massas, a qual Theodor Adorno discute através da teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Para o austríaco, as massas não são formadas por um mero instinto de violência natural ou sequer são movidas por instinto de rebanho.

Nesse sentido, é importante destacar novamente a importância do discurso demagogo do líder fascista, ao passo que os indivíduos são instigados a agir contrário ao seu próprio interesse racional, o que para Freud só pode ser explicado através de um vínculo entre o líder e sua massa, que é exatamente o que o líder tenta criar em prol da manipulação de seus seguidores.

Assim, segundo a análise de Adorno, na visão freudiana, o vínculo estabelecido entre a massa e o líder advém de uma natureza puramente libidinal, vide que na teoria psicanalítica, o indivíduo inserido em um grupo encontra-se em condições que permitem a libertação de seus instintos inconscientes. Conforme debatido anteriormente, ao longo deste trabalho, a teoria freudiana trabalha com a hipótese de que o vínculo libidinal entre a massa e seu líder ocorre através da sugestão e sugestibilidade, todavia, Adorno afirma que Adolf Hitler, em seu método de manipulação fascista, se distanciava da imagem de pai amoroso, enquanto se aproximava da imagem de um pai autoritário e ameaçador, cuja única forma de amor em seu discurso apresentava-se sobre e para a nação alemã, mencionada frequentemente com um ímpeto fanático.

Contudo, mesmo em meio às demonstrações de amor pela pátria, ainda existia um tom de ameaça e violência ao tratar dela como forma superior aos indivíduos que não englobavam a nação alemã. A imagem do pai ao líder fascista corrobora para a manipulação e obediência das massas ao recorrer sempre à energia libidinal de forma inconsciente, com a relação entre a massa e o líder configurando-se da mesma forma arcaica e irracional quanto a sua relação com o próprio pai, que desperta assim a ideia de um ser poderoso e perigoso, a qual a relação só é possível através de uma atitude “passivo-masquista”, ou seja, o indivíduo deve sempre se render às vontades do pai autoritário.

O caráter estranho e compulsivo da formação dos grupos que se mostra em suas manifestações de sugestão pode, portanto, com razão, ser referido à sua origem a

partir da horda primitiva. O líder do grupo é ainda sempre o pai primitivo temido; o grupo será sempre dominado por uma violência ilimitada, demandando a autoridade em alto grau, e tendo, segundo a expressão de Le Bon, sede por submissão. (Freud, 1920-1923 apud Adorno, 2015, p. 164).

Adorno destaca, portanto, que a raiz do discurso fascista é puramente psicológica com fins autoritários e irracionais, a figura do líder é psicológica, porque não há importância se ele lidera ou se apenas atende aos interesses de um grupo, o que é de fato relevante para o discurso fascista é a imagem psicológica do líder que é a capaz de reanimar a ideia do todo através da ideia de um pai poderoso e ameaçador que busca despertar os instintos arcaicos e irracionais dos indivíduos da massa. A única maneira de disseminação da obediência é justamente a propagação da ideia de um pai em que a única relação deve ser estabelecida pela passividade, cuja vontade deve ser rendida aos desejos do líder, assim quanto mais o comportamento político do seguidor se torna distinto de seus interesses racionais e individuais como grupo ou classe social, melhor é para sua inserção na massa.

Para além do fator libidinal promovido pela subserviência ao pai autoritário, Freud alega que o que de fato estabelece a libido em uma ligação entre o líder e a massa é a identificação,⁹ estabelecendo que o sentimento narcisista provoca o desejo de tornar o objeto amado parte do mesmo, assim, Adorno (2015) afirma que a identificação do indivíduo com o líder moderno torna-se uma projeção de sua própria personalidade no líder.

Vemos que o objeto é tratado como o próprio eu, de modo que, no apaixonamento, uma grande quantidade de libido narcísica flui para o objeto. É até mesmo evidente que em muitas formas de escolha amorosa o objeto sirva para substituir nosso próprio ideal do eu não alcançado. Amamos em virtude das perfeições pelas quais nos esforçamos em vista de nosso próprio eu, e que gostaríamos de obter, através desse desvio, para satisfação de nosso narcisismo. (Freud, 1920-1923 apud Adorno, 2015, p. 168-169).

Os indivíduos com os quais o líder fascista tenta promover a identificação são indivíduos que se encontram em um embate entre o eu racional e a frustração em tentar satisfazer as demandas do seu próprio eu. Conforme afirma Adorno, esse embate só pode ser solucionado pela transferência de seus instintos narcisistas em outro sujeito, ao projetar sua imagem no líder o indivíduo satisfaz suas demandas ao apagar as manchas de frustração que tem de seu eu, tal padrão é o que Freud estabelece como o padrão de idealização. O que auxilia na formação da massa é justamente a identificação de vários indivíduos com o líder e que conseqüentemente se identificam entre si através da idealização do eu pelo mesmo objeto.

⁹ “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. (Freud, 2013, p.46)

Ao mesmo tempo em que os seguidores devem demonstrar devoção ao seu líder e amor incondicional, o líder deve se apresentar como uma personalidade narcisista, tal qual o pai primitivo e autoritário destacado por Freud. Para o autor, o líder deve ser como o super-homem, uma pessoa completamente comum para causar o sentimento de identificação de seus seguidores, mas ao mesmo tempo deve continuar sendo a figura imponente e autoritária, “Da mesma maneira como Hitler se apresentou como uma mistura de King Kong e barbeiro de subúrbio” (Adorno, 2015, p. 171). Dentro dos métodos de propaganda fascista, a criação de um líder que é ao mesmo tempo onipotente, superpoderoso e uma pessoa comum, como todos os seus seguidores torna-se um importante meio de atingir a realização psicológica do seguidor, que deseja ao mesmo tempo seguir a autoridade e ser a autoridade, podendo projetar isso em um ser comum como ele.

O aspecto da identificação em Jair Messias Bolsonaro, de acordo com Catalani (2018) diz respeito a uma dualidade que assolou o Brasil durante o período eleitoral: os ameaçados e os ameaçadores. Como discutido anteriormente ao longo deste capítulo, os seguidores do fascismo identificam-se com o líder em uma espécie de projeção de seu próprio narcisismo e sentimento contraditório entre subordinação e desejo de poder e no Brasil, os seguidores de Bolsonaro enxergam no líder um poder imensurável através de sua capacidade de provocar medo nos outros, dessa forma, Felipe Catalani (2018) descreve que: “Estar do lado dos ameaçadores, ou tornar-se um ameaçador, produz a ilusão de que não se é ameaçado com aquilo que se escolhe apoiar”. O sentimento de identificação provocado por Bolsonaro em seus seguidores, os faz sentir, apesar do fracasso e impotência de sua vida real, como verdadeiros “empoderados” ao passo que, no momento em que projeto meu desejo no líder, eu me torno o líder sem os aspectos negativos de mim mesmo.

Para além deste aspecto, conforme citado, Bolsonaro representa o líder que permite a identificação de seus seguidores agindo como um verdadeiro “homem comum”, trazendo ainda mais intensidade ao sentimento de projeção e identificação em seus seguidores. Nas palavras de Catalani:

“Seu aspecto que mistura violência e gracejo, brutalidade sanguinária e piadismo, não é tanto a rigidez do militar ultra disciplinado, mas traz representada em si a conduta própria à classe dominante brasileira desde os tempos de Machado. Bolsonaro diz as maiores barbaridades como um tiozão da padaria, burro e violento, mas simpático, com um ar debochado e leve - que é precisamente o que permite a identificação do cidadão médio. (...) O fato de Bolsonaro ser um idiota não funciona contra ele, mas a favor (Catalani, 2018, p. 05).

Figura 01 - Jair Bolsonaro (esquerda) e seu filho Carlos (direita) tomando café da manhã, imagem que auxilia na construção do mito da humildade do ex-presidente e de seus familiares.



Fonte: (IMAGEM RETIRADA DO PERFIL DE CARLOS BOLSONARO (FILHO DE JAIR MESSIAS BOLSONARO) NO TWITTER - 25 de Setembro de 2017)

A imagem de Jair Messias Bolsonaro, junto de seu filho Carlos Bolsonaro, tomando café preto em um copo americano, comendo pão francês com leite condensado remete a uma proximidade com os costumes da população brasileira média, gerando tal sentimento de identificação com o líder sendo um homem comum e demonstrando sua simplicidade e colocando-se na posição de um cidadão como qualquer outro. Alguns dos comentários gerados pela imagem 02 e imagem 03, em seus seguidores devem também ser destacados como forma de mostrar tamanha identificação com o presidente:

Figura 02 - Comentário de seguidor na rede social estadunidense *Twitter* que ilustra a inversão de ideias políticas.



Fonte: (COMENTÁRIOS RETIRADOS DA POSTAGEM NO TWITTER DE CARLOS BOLSONARO DE SEUS SEGUIDORES - 25 de Setembro de 2017).

Figura 03 - Outro comentário, ressaltando o ponto de vista de que o ex-presidente é uma pessoa humilde.



Fonte: (COMENTÁRIOS RETIRADOS DA POSTAGEM NO TWITTER DE CARLOS BOLSONARO DE SEUS SEGUIDORES - 25 de Setembro de 2017)

Tais comentários comprovam a veracidade teórica em Freud e Adorno de identificação com a simplicidade e humildade do líder, em contraposição aos intelectuais, socialistas e esnobes que fazem o papel de elite corrupta que assola o país, enquanto Bolsonaro não somente está ao lado do povo, como também pertence e compreende as mazelas da população.

Assim como a união positiva dos grupos fascistas é centrada na imagem do líder, há também que se discutir a conexão negativa dentro dessas massas, de acordo com Adorno em sua análise da teoria psicanalítica, a visão de Freud aponta para uma análise entre “*in-group*” e “*out-group*” como um aspecto enraizado em qualquer grupo mesmo quando suas ideias aparentemente não suportam esse tipo de relação de exclusão e perseguição com os indivíduos de fora.

Freud alega que o ódio voltado ao “*out-group*” age como uma força negativamente integradora, assim, o ódio do grupo voltado a mesma pessoa ou grupo invoca o mesmo vínculo emocional que o afeto positivo depositado na imagem do líder. Além disso, Freud também destaca o vínculo narcisístico que explica o ódio voltado ao “*out-group*”:

Nas antipatias e aversões indisfarçadas contra estrangeiros próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor-próprio, de um narcisismo, que se esforça por sua autoafirmação e se comporta como se a existência de um desvio perante suas formações individuais trouxesse consigo uma crítica a elas e uma exigência de sua alteração.

(Freud, 1920-1923 apud Adorno, 2015, p. 176-177)

Posto isso, Adorno estabelece que a recompensa narcisista trazida pelo ódio ao “*out-group*” é justamente a ideia de que o indivíduo é superior e melhor por pertencer ao “*in-*

group” do que aqueles que estão de fora¹⁰. Da mesma forma, afirma que qualquer crítica ou tentativa de fazê-los raciocinar e enxergar o que está por trás de sua recompensa narcisista, provoca grande fúria devido a perda desse sentimento ao recuperar o instinto racional, o que explica porque os seguidores fascistas reagem de maneira violenta a tudo o que lhes faz recuperar a autoconsciência, “aquilo que desmascara seus próprios valores obstinadamente mantidos” (2015, p. 177), enquanto que no interior do grupo a relação de hostilidade e violência é eliminada ao passo que esse sentimento é voltado inteiramente ao “*out-group*”, do contrário a convivência entre esses indivíduos inseridos na massa seria, como afirma Adorno, altamente ambivalente.

Dessa forma, a existência do grupo provoca o sentimento de união perseguido pelo líder fascista, e dentro do grupo todas as distinções individuais desaparecem e são substituídas pela união positiva e negativa conforme discutido anteriormente. “Enquanto a formação do grupo persistir, ou pelo período em que ela se estender, os indivíduos se comportam como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades de outras pessoas, colocam-se no mesmo nível, e não tem sentimentos de aversão em relação a elas” (Freud 1920-1923 apud Adorno, 2015, p. 177).

Tal união só é possível no momento em que as pessoas do “*in-group*” estão unidas através de um vínculo libidinal, seja tanto pelo amor ao pai primitivo e pelo ódio aos que estão fora do grupo, o ódio pelos de fora é tão intenso que ignora quaisquer adversidades que possam existir dentro do grupo¹¹. Adorno descreve essa relação de nivelamento dos indivíduos da massa através da famosa frase

‘Todos nós estamos no mesmo barco’; ninguém deve ser melhor do que ninguém; o esnobe, o intelectual e quem busca o prazer são sempre atacados. A corrente subterrânea de igualitarismo malicioso, de fraternidade de humilhação geral, é um componente da propaganda fascista e do próprio fascismo. (...) Quanto menos eles querem que a inerente estrutura social mude, mais tagarelam sobre justiça social, insinuando que nenhum membro da ‘comunidade do povo’ deve ser permitir prazeres individuais (Adorno, 2015, p. 178).

Acerca da divisão proporcionada pelo “*In-group*” e “*out-group*”, deve-se destacar o ponto comum entre o Bolsonarismo e o nazismo alemão: a eugenia. De acordo com Luciane De Paula e Ana Carolina Lopes (2020), o eugenismo foi praticado ao longo da história da

¹⁰ “Nas antipatias e aversões não disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modifica-los” (Adorno, 2015, p. 177).

¹¹ “(...) toda essa intolerância desaparece, temporariamente ou de maneira duradoura, por meio da formação da massa e dentro da massa. Enquanto perdura a formação de massa, ou até onde se estende, os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro, igualam-se a ele e não sentem repulsa por ele” (Adorno, 2015, p. 178).

humanidade e se disseminava através da ideia de “melhoria do homem por herança genética”, o termo, criado por Francis Galton em 1883 significa “bem-nascido”.

O objetivo científico dessa teoria, de acordo com as autoras, baseia-se em uma tentativa de melhoria da qualidade genética dos indivíduos e por fim constituir uma sociedade superior no campo biológico, social e econômico, toda a teoria embasava-se majoritariamente na biologia e transpassa pelo campo econômico e social. Dessa forma, eugenistas como Mussolini, Hitler e Bolsonaro no Brasil defendem que raças consideradas “puras” ou “superiores” são mais fortes e, portanto, devem prevalecer no ambiente, apontando para a teoria de Darwin (1809-1882) onde os mais fortes sobrevivem e se adaptam às condições do ambiente, enquanto os mais fracos estão fadados a serem eliminados naturalmente. Nesse sentido, dentro de regimes políticos como o nazismo, pessoas consideradas “Não dignas” eram submetidas ao extermínio, como é o caso dos judeus, homossexuais e doentes.

No Brasil, a eugenia volta-se para a exclusão de minorias menos abastadas que são entendidas pelo governo como um gasto econômico sem retorno ao governo. De acordo com Pinheiro (2019 apud De Paula & Lopes, 2020) Carlos Bolsonaro defende a ideia de que o Programa de auxílio às famílias vulneráveis economicamente no Brasil (Bolsa-Família) deveria condicionar os indivíduos a cirurgias de laqueadura e vasectomia, com o fim de diminuir a miséria e violência no Brasil, da mesma forma como Jair Messias Bolsonaro que proferiu ideias sobre o controle de natalidade voltado às famílias menos abastadas, seguindo o pensamento de que essas pessoas são as causadoras da dificuldade econômica do país, bem como da criminalidade.

Com o fim de exemplificar os discursos proferidos por Jair Messias Bolsonaro, De Paula & Lopes (2020, p. 38-39) destacam:

“Devemos adotar uma rígida política de controle da natalidade. Não podemos mais fazer discursos demagógicos, apenas cobrando recursos e meios do governo para atender a esses miseráveis que proliferam cada vez mais por toda esta nação” (1992);

“Defendo a pena de morte e o rígido controle de natalidade, porque vejo a violência e a miséria cada vez mais se espalhando neste país. Quem não tem condições de ter filhos não deve tê-los. É o que defendo, e não estou preocupado com votos para o futuro”. (2010)

Dentro destas falas proferidas pelo ex-presidente brasileiro, nota-se a culpabilização dos mais pobres pela situação do país, e por sua própria situação de vulnerabilidade, para Bolsonaro a solução para os problemas do país é que essa população seja, de fato, eliminada conforme aponta todo seu discurso político.

O genocídio da população minoritária no Brasil tem sido concretizado desde a entrada de Bolsonaro na presidência, conforme apontam as autoras, a política contrária à quarentena durante a pandemia da COVID-19 com a falta de assistência do governo para que os indivíduos adotassem a medida de proteção ao ficar em casa e o discurso em prol da economia que obrigou a população a voltar para as ruas, propiciando um nível maior de infecção e internações, e, conseqüentemente, a morte de milhares de pessoas que se expuseram ao vírus em prol do discurso negligente e negacionista do presidente, ao passo que a única forma de sobrevivência dessas pessoas era trabalhar pelo próprio sustento. Até mesmo durante a pandemia, o discurso eugenista de Bolsonaro, contrário as vacinas e medidas de proteção contra o vírus da COVID-19, voltava-se para uma infecção em massa da população, na expectativa de que quem sobrevivesse e se adaptasse ao vírus era, então, o mais forte e superior aos demais.

O desejo de matar e destruir o diferente, tão naturalizado no discurso e na prática, como projeto político de Bolsonaro para o Brasil, ancorado num racismo científico que originou o que se denomina como “darwinismo social”, tem angariado adeptos e regido muitas pessoas, em especial, empresários e religiosos de determinadas vertentes, de maneira mais ou menos explícita, que demonstram, com atos cotidianos, institucionalizados ou não, formas socioculturais e político-econômicas de geração de um povo, fundamentados na eugenia, entendida como “melhor” (a seleção consciente e a criação do gênio, como propôs Galton, compreendido, principalmente pelas classes e pelos grupos hegemônicos, como o homem branco nórdico, abastado, conservador e religioso – valorado como o que tem sido chamado de “homem/cidadão de bem”) (De Paula & Lopes, 2020, p. 43).

Percebe-se, portanto, em Jair Messias Bolsonaro, as duas características de união da massa psicológica: a identificação positiva com a imagem do líder e a identificação com um ódio em comum ao mesmo grupo de pessoas ou instituições.

Há, ainda, uma questão importante a ser debatida, de que forma o líder tem conhecimento de tais teorias psicológicas utilizadas para a manipulação de suas massas? Ao passo que, até este ponto as características apontadas por Adorno não perpassam pela erudição e intelectualismo, muito pelo contrário, os fascistas tendem a desprezar completamente a intelectualidade e sua política é baseada inteiramente na irracionalidade dos indivíduos. Para solucionar tal incógnita, Adorno destaca que, de fato, os líderes fascistas não possuem conhecimento para aplicar as teorias psicológicas de massa em seus seguidores, o que lhes dá o caráter de líderes diz respeito a sua capacidade oral e a facilidade em enganar os outros, ou seja grande parte do controle que exerce sobre a massa está diretamente ligado à sua oralidade.

Os líderes buscam ir ao encontro do desejo de sua audiência e ao reconhecer na massa a similaridade inconsciente, o líder só deve, portanto, ser ele mesmo e utilizar de sua capacidade oral para manipular.

O líder pode adivinhar as demandas e necessidades psicológicas daqueles suscetíveis à sua propaganda, porque os reflete psicologicamente e deles se distingue por uma capacidade de exprimir, sem inibições, o que é latente neles, e não por qualquer superioridade intrínseca. Os líderes são geralmente tipos de caráter oral, com uma compulsão para falar incessantemente e enganar os outros. O famoso encantamento que eles exercem sobre seus seguidores parece depender, em larga medida, de sua oralidade: a própria linguagem, desprovida de seu significado racional, funciona de uma forma mágica e favorece aquelas regressões arcaicas que reduzem os indivíduos a membros de multidões (Adorno, 2015, p. 181).

Todavia, Adorno destaca que a psicologia apesar de explicar diversos fenômenos dos movimentos fascistas não consegue compreender as demais formações de massas, a teoria freudiana trata as multidões como fenômenos similares, o que para Adorno demonstra uma limitação da psicologia em explicar os movimentos de massa, para o autor a psicologia, ao analisar os movimentos de massa, deve também considerar os aspectos sociais incutidos aos objetivos dos grupos analisados. Para o autor, a questão da psicologia de massas não se apoia exclusivamente na figura autoritária como tal, mas deve se apoiar também nos aspectos irracionais da sociedade moderna, ou seja, os movimentos fascistas não buscam nenhuma alteração do status quo, pelo contrário seu ideal é manter a sociedade como está e servir aos interesses da economia.

Embora o agitador fascista indubitavelmente assuma certas tendências internas daqueles a quem se dirige, ele o faz como mandatário de poderosos interesses econômicos e políticos. Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que poder ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas. O que acontece quando as massas são subjugadas pela propaganda fascista não é uma expressão primária e espontânea de pulsões e demandas, mas uma revitalização *quasi*-científica de sua psicologia. (...)Longe de ser a fonte do fascismo, a psicologia de tornou um elemento entre outros no interior de um sistema superposto cuja totalidade é demandada contra o potencial de resistência das massas – a própria racionalidade das massas (Ibidem, p. 186).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, conforme proposto inicialmente, o presente trabalho teve como objetivo apontar as similaridades entre o Bolsonarismo no Brasil e o Fascismo na Alemanha, partindo de uma perspectiva comparativa sob a ótica da Psicologia de Massas. Nesse sentido, a resposta à hipótese do trabalho é de que o bolsonarismo pode ser nomeado como um fascismo no século XXI, ao passo que suas intenções e discursos são os mesmos utilizados pelo fascismo entreguerras. Apesar do distanciamento no quesito histórico, o Bolsonarismo foi capaz de captar o momento social de crise vivenciado não somente pelo Brasil, mas por todo o globo, no qual a revolução digital foi a grande responsável pela criação da desconfiança nos sistemas políticos e na chamada “velha política”, fazendo com que a população torne-se suscetível à aderir aos discursos contrários a “tudo o que está aí”, e aplicá-los em sua campanha eleitoral, não somente os inúmeros erros dos partidos anteriores a Bolsonaro o fizeram chegar à presidência do Brasil, o principal fator para o seu crescimento foi a capacidade em fazer alianças com diferentes setores da sociedade brasileira, tal como o fez o fascismo na Itália, que buscou unir grupos distintos e adequar o discurso à cada um deles.

Jair Bolsonaro aproveitou-se da desconfiança da população devido ao envolvimento dos antigos partidos em escândalos de corrupção para chegar ao poder, através de um discurso que buscava a identificação desses indivíduos e contemplasse o desejo de uma mudança definitiva à velha política. O ex-presidente, mesmo sem o conhecimento teórico da psicologia de massas, utilizou-se de seus aspectos para unir seus seguidores em prol da crença em sua capacidade transformadora, que mesmo nunca tendo sido demonstrada ao longo de sua carreira política como deputado, foi capaz de convencê-los através da identificação narcisista de um líder ao mesmo tempo comum, que se comunica com a população num linguajar chulo e preconceituoso que trouxesse à tona todo o ódio desses grupos aos que não pertencem à eles.

Nesse sentido, conforme debatido ao longo do trabalho, o ódio comum aos grupos de esquerda foi a força motriz para a união dos mais distintos grupos de pessoas ao redor de Bolsonaro, o ódio a tudo o que representa o “politicamente correto”, o “academicismo” aliado à identificação dos grupos à Jair Messias Bolsonaro foram também responsáveis por sua ascensão assim como o foram na Alemanha de Hitler.

A importância deste trabalho deve-se ao fato de que, acredita-se comumente que o fascismo deve ser um fenômeno restrito à Itália, que posteriormente originou o movimento nazista na Alemanha, mas que principalmente tratam-se de modelos políticos não-

democráticos e necessariamente ditatoriais, com um forte apelo à violência indiscriminada e ódio às minorias. O que aconteceu no Brasil de 2018-2022, apesar de não poder ser classificado como uma ditadura, se assemelha ao fascismo à partir do momento em que os meios democráticos encontram-se ameaçados por discursos e ações do ex-presidente, através de discursos e práticas de violência contra os indivíduos que possuam ideais contrários aos defendidos pela massa bolsonarista e o ódio voltado à tudo o que ameaça a crença dos indivíduos que compõem a massa e os desafia a observar a realidade de fato, deixando de lado a realidade paralela criada pelo líder.

Assim, é importante conhecermos e compreendermos a história do fascismo e sua capacidade de manipulação através de discursos apelativos e irracionais para que estejamos sempre vigilantes às suas diversas manifestações e ataques ao sistema democrático. Com isso, o objetivo deste trabalho foi atingido ao discutir sobre a história do fascismo e sua posterior manifestação no Brasil de Bolsonaro, para enfim compreendermos que a história é uma ciência viva e sua ocorrência não se prende apenas ao passado, sua análise deve ser sempre considerada ao observamos o presente e permanecermos atentos ao que nos espera no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W; FREITAS, Verlaine. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Verlag nicht ermittelbar, 2015.
- ADORNO, Theodor W. **Aspectos do Novo Radicalismo de Direita**. Editora Unesp, 2020.
- ARÃO, Cristian. As Redes Sociais e a Psicologia das Massas: A Internet como Terreno e Veículo do Ódio e do Medo. **Revista de e Contemporânea**, 2021.
- BÁRBARA, Bicudo Lenin. Da fosfoetanolamina à cloroquina: notas sobre a politização da ignorância. **Boletim Cientistas Sociais**, v. 52, 2020.
- BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; DA SILVA, Beatriz Oliveira. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. **Trivium-Estudos Interdisciplinares** (versão On-line, ISSN 2176-4891), v. 1, n. esp., p. 114-126, 2022.
- BOITO JR, Armando *et al.* Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica marxista**, v. 50, p. 111-119, 2020.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Atividade Legislativa**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaProposicoes&pagina=1&order=data&abaEspecificada=true&filtros=%5B%7B%22autores.nome%22%3A%22JAIR%20BOLSONARO%22%7D,%7B%22aprovado%22%3A%22Aprovado%22%7D%5D&q=%2a>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- CARONE, Iray. A Personalidade Autoritária. **Sociologia em Rede**, v. 2, n. 2, p. 14-21, 2012.
- CATALANI, Felipe. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. **Blog da Boitempo**, v. 28, n. 10, 2018.
- DE PAULA, Luciane; LOPES, Ana Carolina Siani. A eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. **Revista Linguagem**, v. 35, n. 1, p. 35-76, 2020.
- DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira**: como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. Planeta Estratégia, 2020.
- ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Editora Record, 2018.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. L&PM Pocket, 2013.
- GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & sociedade**, v. 41, p. 49-74, 2021.
- INDURSKY, Alexei Conte; DE SOUZA CONTE, Bárbara. PSICANÁLISE E POLÍTICA: O TRABALHO DA DESILUSÃO. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 17, n. 2, p. 107-124, 2019.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 2, n. 2, p. 215-240, 2010.

MELO, Demian. O bolsonarismo como fascismo do século XXI. *In*: CHABALGOITY, Diego. **(Neo) fascismos e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. p. 12-46.

MENEZES DE SOUSA, K.; CAMARGO DE OLIVEIRA, R. Fascismo e bolsonarismo: relações teóricas e discursivas entre as duas práticas. **Revista Heterotópica**, p. 117–137, dez. 2020.

PAXTON, Robert O. **The anatomy of fascism**. Vintage, 2007.

RÜDIGER, Francisco. Theodor Adorno. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo, Editora Unesp, 2020. 103 p.

SOARES, Lucas Labanca. Ensaio sobre o bolsonarismo. **Revista Poder & Cultura**, v. 8, n. 15, p. 155-183, 2021.

REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n.1, p. e36709-e36709, 2020.